

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS E LITERATURAS ESTRANGEIRAS**

LUCIA SÁ FREIRE DORIA

**INFLUÊNCIA TRANSLINGUÍSTICA NA PRODUÇÃO ORAL EM FRANCÊS COMO
TERCEIRA LÍNGUA (L3) POR FALANTES DE INGLÊS COMO
SEGUNDA LÍNGUA (L2)**

**Florianópolis
2018**

LUCIA SÁ FREIRE DORIA

**INFLUÊNCIA TRANSLINGUÍSTICA NA PRODUÇÃO ORAL EM FRANCÊS COMO
TERCEIRA LÍNGUA (L3) POR FALANTES DE INGLÊS COMO
SEGUNDA LÍNGUA (L2)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado para obtenção de grau de Bacharel de Língua e
Literatura Francesas na Universidade Federal
de Santa Catarina (UFSC), sob a orientação da
Profa. Dra. Mailce Borges Mota

Florianópolis

2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus filhos Jessica e Lucas pelo apoio, compreensão e motivação no decorrer do curso. Vocês sempre foram e serão fonte de inspiração na minha vida.

Agradeço também, aos meus queridos colegas de classe que sempre me apoiaram e me receberam com muito carinho e respeito na sala de aula. Aos alunos do curso de Letras Francês que de alguma maneira mantivemos contato durante esta caminhada.

À todos os professores do Departamento de Letras Francês, em especial à Profa. Dra. Noêmia Soares que me motivou a buscar a Linguística e a Psicolinguística como área de pesquisa.

Um agradecimento especial à Profa. Dra. Mailce Borges Mota que me acolheu, tão generosamente, em seu Laboratório da Linguagem e Processos Cognitivos (Labling) e aceitou me orientar e me incentivar na pesquisa sobre influência translinguística. A Prof. Mailce possui uma vasta experiência na área de Psicolinguística e coordena uma equipe de alunos de graduação, mestrado e doutorado no Labling, além de desenvolver pesquisa de ponta em fenômenos de aquisição e processamento de linguagem.

Às queridas amigas e professoras de longas datas, Luciana Locks Lima, Márcia Lima, Maria Helena de Oliveira, Alessandra Coutinho Fernandes e Maria das Graças Brightwell (in memorium) que sempre me incentivaram como professora e amiga, a buscar sempre um pouco mais de mim.

À minha mãe Eunice, que aos 93 anos ainda se mantém curiosa e em busca do saber me inspirando sempre em seus ensinamentos, serenidade, paciência e persistência.

Le bonheur suprême de la vie, c'est la
conviction qu'on est aimé, aimé pour soi-même,
disons mieux, aimé malgré soi-même.

(Victor Hugo)

RESUMO

Este artigo discute o fenômeno da influência translinguística no bilinguismo e no multilinguismo. A influência translinguística pode ser definida como a influência de uma ou mais línguas previamente adquiridas, na língua-alvo. Em outras palavras, ao adquirir uma terceira língua, os aprendizes podem sofrer a influência da primeira ou segunda língua na produção, compreensão e desenvolvimento da língua-alvo. Vários fatores estão envolvidos na influência translinguística. Esses fatores incluem a distância entre línguas, que é a percepção do aprendiz da proximidade entre as línguas; recência de uso, que é como uma língua recente foi usada pelo aluno; proficiência na língua nativa e na língua alvo, que se refere à como a proficiência de um aprendiz determina o tipo de transferência; tipologia ou psicotipologia, que é a percepção de semelhanças entre as línguas geradas na mente do aprendiz e, finalmente, o fator de status L2 que é descrito também como o efeito da língua estrangeira. O trabalho revisa a literatura teórica e empírica sobre influência translinguística, prestando particular atenção à um estudo de caso de estudantes universitários japoneses que têm inglês como L2 e são aprendizes de francês como L3. Concluí que a influência translinguística é um fenômeno muito complexo, pois envolve muitos aspectos sociais e psicológicos no processo de aquisição da segunda e terceira língua.

Palavras-chave: influência translinguística, bilinguismo, multilinguismo, aquisição de segunda língua.

ABSTRACT

This paper discusses the phenomenon of cross-linguistic influence in bilingualism and multilingualism. Cross-linguistic influence can be defined as the influence of one or more languages previously acquired, on the target language. In other words, when acquiring a third language, learners can suffer the influence of the first or the second language in the production, comprehension and development of the target language. Various factors are involved in cross-linguistic influence. These factors include language distance, which is the learner's perception of the proximity between languages; recency of use, which is how recent a language has been used by the learner; proficiency in the source and in the target language, which refers to how a learner's proficiency will determine the type of transfer; typology or psychotypology, which is the learner's perception of similarities between languages generated in the learner's mind and, finally, the L2 status factor which is described also as the foreign language effect. The work reviews the theoretical and empirical literature on cross-linguistic influence paying particular attention to a case study of Japanese university students who have English as L2 and are learners of French as L3. I concluded that cross-linguistic influence is a very complex phenomenon since it involves many social and psychological aspects in the process of second and third language acquisition.

Key words: cross-linguistic influence, bilingualism, multilingualism, second language acquisition

RÉSUMÉ

Cet article aborde le phénomène de l'influence translinguistique sur le bilinguisme et le multilinguisme. L'influence translinguistique peut être définie comme l'influence d'une ou plusieurs langues précédemment acquises sur la langue cible. En d'autres termes, lorsqu'ils acquièrent une troisième langue, les apprenants peuvent subir l'influence de la première ou de la deuxième langue sur la production, la compréhension et le développement de la langue cible. Différents facteurs sont impliqués dans l'influence multilingue. Ces facteurs incluent la distance linguistique, qui correspond à la perception par l'apprenant de la proximité entre les langues; la récence d'utilisation, c'est-à-dire la manière dont une langue a été utilisée récemment par l'apprenant; maîtrise de la langue source et de la langue cible, qui indique comment la maîtrise de l'apprenant déterminera le type de transfert; la typologie ou la psychotypologie, qui correspond à la perception par l'apprenant des similitudes entre les langues générées dans l'esprit de l'apprenant et, enfin, du facteur de statut L2 décrit également comme l'effet de la langue étrangère. Cet travail passe en revue la littérature théorique et empirique sur l'influence translinguistique en portant une attention particulière à une étude de cas d'étudiants universitaires japonais ayant l'anglais comme L2 et apprenant le français comme L3. J'ai conclu que l'influence translinguistique est un phénomène très complexe car elle implique de nombreux aspects sociaux et psychologiques dans le processus d'acquisition de la deuxième et troisième langue.

Mots-clés: influence translinguistique, bilinguisme, multilinguisme, acquisition d'une langue seconde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 BILINGUISMO E MULTILINGUISMO

- 1.1 Definição
- 1.2 Controvérsias
- 1.3 Processo cognitivo, questões psicológicas e sociais
- 1.4 O aprendiz multilíngue

2 AQUISIÇÃO DE SEGUNDA (L2) E TERCEIRA LÍNGUA (L3)

- 2.1 Principais aspectos a considerar no Processo de Aquisição de L2
- 2.2 Principais aspectos a considerar no Processo de Aquisição de L3
- 2.3 Influência Translinguística (Transfer)

3 INFLUÊNCIA TRANSLINGUÍSTICA

- 3.1 Conceito (Definição)
- 3.2 Principais aspectos que envolvem a Influência Translinguística
- 3.3 Análise de diversos casos de estudo
- 3.4 A Influência Translinguística em aprendizes de francês como L3 que possuem o inglês como L2.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

Introdução

De acordo com De Angelis (2007), nós, seres humanos, somos incríveis aprendizes de língua e facilmente dominamos várias línguas durante nossas vidas. O aumento da propagação do multilinguismo e a importância da língua dentro de uma sociedade, tem levado vários estudiosos a investigar o comportamento multilíngue durante os anos, como podemos evidenciar em trabalhos já realizados no Laboratório da Linguagem e Processos Cognitivos (Labling) onde iniciei minha pesquisa. Dentre vários artigos publicados, destacam-se na área de bilinguismo e influência translinguística Toassi e Mota (2014, 2013), Toassi e Mota (2018), Bauer e Mota (2018), dentre outros. Outros estudos também na área de Sociolinguística, Psicolinguística e em aspectos educacionais de multilinguismo como (BATHIA 2004, CENOZ; GENESE 1998). Segundo Bathia (2017) o avanço em mídias sociais e tecnologias como iPhones proporcionaram novas ferramentas para o estudo do bilinguismo em um ambiente mais natural. Ao mesmo tempo, segundo Bathia (2017), esses avanços proporcionaram desafios práticos em áreas como aquisição de língua, identidade de língua, atitude de língua, educação de língua, ameaça e perda de língua e direitos da língua.

Segundo De Angelis (2007), foi somente na década de 1980 que processos multilíngues começaram a ser examinados mais de perto e sistematicamente, levando ao aumento de uma consciência geral entre estudiosos que, multilíngues, são falantes por si só e não devem ser comparados com aprendizes de segunda língua (L2) sem uma cuidadosa vigilância.

Um dos temas tratados na pesquisa sobre multilinguismo é a influência de línguas previamente aprendidas no desempenho em uma língua estrangeira que está sendo aprendida. O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tem como objetivo apresentar um estudo teórico, de delineamento bibliográfico, sobre diversos aspectos que envolvem a influência translinguística na produção oral de falantes de francês como terceira língua.

O francês assim como o português, o espanhol e o italiano, são línguas românicas (ou neolatinas) que originaram-se do latim. Após a queda do Império Romano e por volta do século V, a França foi invadida por outros povos de origem germânica, os celtas, os bretões, que deixaram suas marcas na língua francesa (HUCHON, 2002). Sendo assim, podemos observar uma influência muito grande de palavras de origem inglesa na língua francesa e vice-versa. Devido a este fator, é muito comum que o aprendiz de francês como L3, tendo já o domínio de inglês como L2, possa, sem se dar conta, incorporar palavras, sons, grafias do inglês na produção oral e escrita do francês. É importante

estudar e investigar a influência translinguística, pois tal estudo permitirá auxiliar o professor de língua estrangeira a observar e a entender o processo metalinguístico ou cognitivo do aprendiz no momento em que troca uma palavra de um idioma por outro ou quando produz erros de pronúncia.

De acordo com De Angelis (2007), a influência translinguística pode ser observada em diversos níveis linguísticos bem como na tipologia, na fonologia, no léxico e na sintaxe. A influência translinguística é um fenômeno investigado por pesquisadores entre os falantes bilíngues. Sendo assim, considerando o objetivo geral do presente TCC, este estudo está assim organizado: a seção 1 tratará sobre as definições e sobre os processos sociais e cognitivos do bilinguismo e multilinguismo. Na seção 2, abordaremos o processo de aquisição de segunda e terceira línguas e por último, na seção 3, trataremos da influência translinguística e analisaremos alguns casos de estudo sobre este fenômeno.

Entretanto, para entendermos a definição de bilinguismo é importante, primeiramente, ressaltar que existem controvérsias na definição dos conceitos de bilinguismo e multilinguismo. Segundo Butler (2013), bilinguismo e multilinguismo são comportamentos altamente complexos, pois envolvem não só uma dimensão linguística, mas também psicológica e social. Algumas questões levantadas por F. Grosjean (2010) serão abordadas também na seção 1, onde aprofundaremos mais as definições de bilinguismo e multilinguismo.

Além dos conceitos de bilinguismo e multilinguismo, é importante ressaltar, neste trabalho, importantes aspectos sobre aquisição de L2 e de L3. O estudo sobre a aquisição de L2 e L3 é amplamente debatido entre os pesquisadores e mais especificamente estudado em De Angelis (2007). Estes assuntos serão tratados mais detalhadamente na seção 2.

Para entendermos a influência translinguística de L2 na aquisição de L3, que é o foco deste trabalho, é importante levarmos em consideração também, como este fenômeno se dá e quais as suas implicações. Aspectos cognitivos e neurolinguísticos são importantes a serem para entendermos como se dá a influência translinguística. É importante notar também, como as línguas são processadas em nosso cérebro de acordo com Falk e Bardel (2010). Na seção 3, além do conceito e dos principais aspectos que envolvem a influência translinguística e análise de diversos casos de estudos, analisaremos também os estudos de Falk e Bardel (2010), onde pôde-se observar a influência de línguas românicas no que diz respeito ao léxico com a língua inglesa, mais especificamente. Apesar do inglês ser uma língua germânica, algumas semelhanças podem ser observadas no vocabulário, na sintaxe e fonologia. Neste estudo, ressaltaremos também, a importância de estudarmos a influência translinguística no ensino de L2 e L3 e contribuir para um melhor esclarecimento sobre este fenômeno.

1 – Bilinguismo e multilinguismo

1.1 Definição

Nesta seção, trataremos das definições sobre o bilinguismo e multilinguismo e também de algumas controvérsias acerca dos diferentes conceitos e complexidades destes dois termos.

Bilinguismo

Segundo Butler (2013), as primeiras noções e questionamentos sobre a definição de bilinguismo foram abordadas primeiramente na antiguidade, em Roma. Questionava-se, naquela época, qual língua seria ensinada primeiro: o latim ou o grego? Chegou-se à conclusão que ambas deveriam ser ensinadas e assimiladas simultaneamente para que nem uma nem a outra língua sofressem algum tipo de interferência.

Sendo assim, mesmo nos dias atuais, pesquisadores como Grosjean (2010, p. 4), aponta em seus estudos, que a definição de bilinguismo não se limita ao aprendizado de uma ou mais línguas apenas, mas sim, a todo um contexto social, psicológico e linguístico que tem que ser levado em consideração ao definir não só o bilinguismo mas também o multilinguismo. O conhecimento de uma (ou mais) língua estrangeira, no entanto, demanda um alto grau de flexibilidade cognitiva bem como um conhecimento metalinguístico e domínio de certas estratégias adquiridas ao longo do aprendizado de uma língua. Além disto, para Grosjean, indivíduos bilíngues são aqueles que possuem vários graus de habilidades linguísticas em diferentes situações.

Segundo Butler (2013), na literatura sobre bilinguismo, podemos encontrar várias definições para indivíduos bilíngues. De acordo com Haugen (1953, p. 7), bilíngues são indivíduos que são fluentes em uma língua mas *“que possam produzir afirmações completas e significativas em outra língua”* (tradução minha) ¹. Para Butler (2013), esta afirmação se refere apenas à indivíduos que possuem vários níveis de habilidades linguísticas em sua L2, e negligencia o fato da habilidade e uso da língua dominante (ou L1) pode também variar em contexto e mudar ao longo do tempo. Por outro lado, alguns estudiosos empregam uma definição mais ampla de bilíngues, como por exemplo, segundo Grosjean (2010, p. 4) bilíngues são *“aquelas pessoas que precisam e usam duas ou mais línguas*

1 No original: [...] can produce complete meaningful utterances in the other language.

(*dialetos*) no cotidiano de suas vidas” (tradução minha)². Segundo Butler (2013), algumas destas definições mais amplas possuem uma vantagem, pois podem fazer com que os processos de aquisição de segunda língua sejam vistos no âmbito dos estudos de bilinguismo (HAKUTA, 1986). Além disto, de acordo com Butler (2013), essas definições amplas de bilinguismo citadas anteriormente, permitem que pesquisadores examinem a dinâmica da habilidade de língua e o uso da língua através de contextos e tempo, que estão novamente alinhadas com uma necessidade para uma abordagem mais socialmente orientada para SLA (LARSEN-FREEMAN, 2007). Apesar de todas estas definições mais amplas para o bilinguismo terem várias vantagens, por outro lado, de acordo com Butler (2007), elas têm sofrido críticas por implicarem que bilíngues incluem quaisquer indivíduos que não sejam monolíngues. Essas definições, de acordo com De Angelis (2007, p. 8) efetivamente igualam bilinguismo com multilinguismo.

De acordo com Butler (2013), na literatura sobre bilinguismo, existe um número considerável de terminologias que têm sido usadas para caracterizar os diferentes tipos de bilíngues. Apesar destes termos serem usados entre autores sem uma definição acordada, é importante resumir algumas das mais importantes que ilustram e contribuem para a diversidade do conceito de bilinguismo. São elas: a relação de nível de proficiência em duas línguas, habilidade funcional, a idade de aquisição, a organização dos códigos linguísticos e unidades de significados, *status* da língua e ambiente de aprendizado, o efeito de segunda língua (L2) na retenção de primeira língua (L1), identidade cultural e assim por diante. As categorias listadas, no entanto, segundo Butler (2013), falham em captar o papel do contexto em que cada língua é usada, o que adiciona mais uma complexidade para entendermos o bilinguismo. De acordo com Butler (2013), o uso de cada uma das línguas do indivíduo bilíngue, varia enormemente de acordo com o conteúdo, o objetivo, os interlocutores, as condições psicológicas, a formalidade ou informalidade, o cenário social. Trataremos destes assuntos com mais propriedade, na seção 1.3.

Como podemos observar, o bilinguismo é um processo extremamente complexo. Sendo assim, neste trabalho, adotaremos a definição de acordo com Grosjean (1992, p. 51), para quem indivíduos bilíngues são aqueles que “*precisam e usam duas (ou mais) línguas no seu cotidiano*” (tradução minha)³. Pois, segundo Grosjean (2010, p. 90), *bilinguismo é visto como um fenômeno dinâmico que corresponde aos eventos de vida do falante bilíngue*” e “*devemos ter cuidado, portanto, para não pensar que a primeira língua do bilíngue ou a língua materna, é a mais forte e fundamental língua;*

2 No original: [...] those people who need and use two or more languages (or dialects) in their everyday lives.

3 No original: [...] who need and use two (or more) languages in their everyday lives.

*depende da história de língua do indivíduo” (tradução minha)*⁴. Além disto, vale lembrar que para Grosjean (1988), bilíngues não são uma justaposição de dois monolíngues. De acordo com Grosjean (1997), estudos demonstram que, dependendo do domínio e das condições que permeiam uma comunicação, um indivíduo poderá fazer uso de uma das línguas que tem mais domínio do assunto a ser tratado do que outra. Segundo Grosjean (1997), este tipo de diferentes níveis de proficiência e domínio linguístico em um dado assunto, é o que ele chama de *“princípio complementar” (tradução minha)*⁵. Para ele, à medida que se muda o domínio, muda-se a língua. O autor também faz uma distinção de diferentes tipos de bilinguismo. Ele classifica como *“criança bilíngue”, “adolescente bilíngue” e “adulto bilíngue” (tradução minha)*⁶.

Outras terminologias relativas ao bilinguismo serão analisadas na seção 1.4, onde trataremos das questões psicológicas e sociais que permeiam este tema.

Multilinguismo

De acordo com Butler (2013), o termo bilíngue é usado para referir um tipo de usuário multilíngue que usa duas línguas, enquanto multilíngue refere-se à usuários de mais de duas línguas tais como trilíngues, quadrilíngues e assim por diante.

Segundo Kemp (2009), é muito difícil sabermos ou identificarmos o número de línguas que um indivíduo fala, pois entre os estudiosos não existe um consenso sobre o que realmente podemos assumir que seja língua, dialetos e variedades de uma mesma língua. Sendo assim, segundo Butler (2013), é importante enfatizar que a fronteira entre bilinguismo e multilinguismo, não é muito clara quando comparada com a fronteira entre usuários não-multilíngues (monolíngues) e usuários multilíngues.

Para Jessner (2008, p. 20), *“achar uma definição para multilinguismo pode ser descrita como uma das mais assustadoras questões da Linguística atual” (tradução minha)*⁷. Porém, é importante ressaltarmos, de acordo com Falk e Bardel (2010) que *“todos os seres humanos são multilíngues em potencial” (tradução minha)*⁸. Sendo assim, segundo Hammarberg (2001), se duas línguas podem coexistir nas mentes humanas, o multilinguismo, torna-se para muitos estudiosos, o status padrão dos

4 No original: Bilingualism is therefore seen as a dynamic phenomenon which corresponds to life events of the bilingual speaker. [...] one could be careful, therefore, not to think that the bilingual's first language, or mother tongue, is the stronger, most fundamental language; it really depends on the individual's language history.

5 No original: [...] complementary principle.

6 No original: [...] infant bilingual, adolescent bilingual and adult bilingual.

7 No original: [...] finding a definition of multilingualism can be described as one of the most daunting research questions of current linguistics.

8 No original; [...] all human beings are multilingual in potential.

humanos, e não o fato de sermos monolíngues apenas. De acordo com De Angelis (2007, p. 8),

A maioria das pessoas entende uma pessoa multilíngue como sendo um indivíduo familiarizado com três ou mais línguas com um grau de fluência, e um indivíduo bilíngue familiarizado com duas línguas, e também com um grau de fluência. Esta é uma clara e direta definição baseada no número de línguas que um indivíduo sabe. Na prática, quando uma pessoa lê definições de bilinguismo e multilinguismo na literatura, fica claro que o número de línguas que um indivíduo é familiarizado, não é central para a própria definição.⁹

É importante ressaltar, que, como dito anteriormente, definir os termos bilinguismo e multilinguismo é complexo pois é necessário levar em consideração uma gama de aspectos que envolvem esses processos. O modo de como se dá os processos de aquisição de uma língua, por exemplo, deve ser conhecido para podermos entender e diferenciar claramente todas as questões metalinguísticas que os envolvem. Sendo assim, na seção 1.2, analisaremos as controvérsias que permeiam estas definições e na seção 1.3, analisaremos os processos psíquicos e cognitivos para melhor entendermos como ocorre todo o processo.

Um aspecto importante de ser levado em consideração quando definimos bilinguismo e multilinguismo, é que, de acordo com Butler (2013), *“bilíngues e multilíngues podem ter múltiplas línguas nativas e ou múltiplas línguas não-nativas, e o conteúdo de língua que eles recebem em cada uma de suas línguas podem ser drasticamente diferentes daquela de falantes monolíngues”* (tradução minha)¹⁰ é importante ressaltar também, segundo Butler (2013), que uma das questões polêmicas na pesquisa de SLA é justamente este viés bilíngue, ou seja, a suposição de que o processo de aquisição entre multilíngues seria igual aos bilíngues. Como parece não haver, até o presente momento, muitas pesquisas sobre o processo de aquisição de multilíngues, este tipo de suposição não é garantida. As pesquisas voltadas a estes dois processos são pertinentes para ressaltar um contexto holístico necessário para entendermos aquisição de língua.

Conforme Butler (2013, p. 122),

“Quanto mais entendemos o bilinguismo e o multilinguismo, mais complexidade percebemos e

9 No original: Most people understand a multilingual person to be an individual familiar with three or more languages to some degree of fluency, and a bilingual individual familiar with two languages, also to some degree of fluency. This is a clear and straightforward definition based on the number of languages an individual knows. In practice, when one reads definitions of bilingualism and multilingualism in the literature, it is clear that the number of languages the individual is familiar with is not central to the definition itself.

10 No original: Bilinguals and multilinguals may have multiple 'native' languages and/or multiple 'nonnative' languages, and the language input that they receive in each of their languages can be drastically different from that of monolingual speakers.

mais desafios enfrentamos. Mas esta pode ser precisamente a razão pela qual nos sentimos atraídos há muito tempo pelos misteriosos fenômenos da aquisição da linguagem desde os tempos da Roma antiga” (tradução minha)¹¹

Podemos concluir que bilinguismo e multilinguismo, segundo Butler (2013), são fenômenos linguísticos, psicológicos e sociais, muito complexos e heterogêneos. Recentemente o aumento do interesse em multilinguismo tem revelado ainda mais complexidades no que diz respeito à aquisição e processamento de língua entre falantes multilíngues.

Tendo em vista a complexidade acima mencionada, trataremos na seção 1.2 a seguir, de algumas controvérsias entre estudiosos sobre as definições de bilinguismo e multilinguismo.

1.2 Controvérsias

De acordo com De Angelis (2007), estudos publicados antes de 1960 apontavam o bilinguismo como algo negativo e que tinha efeitos prejudiciais sob o desenvolvimento linguístico e cognitivo em crianças, tais como distúrbios na fala, confusão e retardo mentais. Porém, em contrapartida, estudos realizados após 1960, afirmam, segundo De Angelis (2007), que o bilinguismo promove o desenvolvimento linguístico e cognitivo, o que afeta positivamente o processo de aquisição de língua.

Algumas destas visões distorcidas sobre bilinguismo acima mencionadas, tiveram origem, segundo Edwards (2004), nos Estados Unidos, onde vários estudos foram feitos sobre este tema, justamente em uma época de grande tensão social e intolerância em relação aos imigrantes oriundos da Europa e também entre a população local americana. Naquela época, os americanos eram dominados por sentimentos negativos sobre bilinguismo devido também ao resultado de alguns testes de inteligência aplicados nestes imigrantes e, quando comparados com monolíngues, ficavam em desvantagem, segundo Baker e Jones (1998).

Após o final dos anos 1960 e início dos anos 1970, segundo De Angelis (2007) a maioria dos pesquisadores têm dividido a visão de que o bilinguismo promove o desenvolvimento cognitivo e facilita a aquisição de outras línguas. De acordo com De Angelis (2007), na literatura mais atual, no entanto, a crença entre os estudiosos é de que o bilinguismo é uma vantagem ao invés de desvantagem para os indivíduos. Segundo Bialystok (2004), o bilinguismo parece ajudar nossos cérebros a permanecerem jovens e ativos durante a velhice.

11 No original: The more we understand bilingualism and multilingualism, the more complexity we realize and the more challenges we face. But this may be precisely the reason why we have long been attracted to the mysterious phenomena of language acquisition since ancient Roman times.

Segundo Butler (2013), existe certa dificuldade em mensurar a aquisição e proficiência de indivíduos bilíngues e multilíngues, conforme mencionado previamente na definição de bilinguismo. Segundo a autora, este tem sido um dos problemas centrais no que diz respeito à aquisição de uma ou mais línguas. Em relação ao bilinguismo, é importante notar que, segundo Butler (2013), existem diferentes aspectos e terminologias a serem levados em consideração como o nível de proficiência, a idade de aquisição, o status e o ambiente em que a língua fora aprendida. Alguns termos usados para definir o tipo de bilinguismo tais como “*bilíngues precoces, bilíngues tardios, bilíngues simultâneos*” (tradução minha)¹². Para Butler, esses aspectos e categorias mencionadas, falham no que diz respeito ao contexto em que a língua é usada, pois, dependendo do contexto social em que a língua está sendo usada, segundo Grosjean (1997), um indivíduo pode alternar a maneira como se comunica nas duas línguas entre, por exemplo, um membro da família e com uma maneira mais formal de se comunicar com estranhos.

No que diz respeito ao multilinguismo, o processo é ainda mais complexo, pois engloba também a ordem de aquisição de uma das línguas. Segundo Cenoz (2000), um indivíduo trilingue, por exemplo, pode, não só aprender uma terceira língua depois, ou ter três línguas simultaneamente desde o nascimento (como por exemplo, três L1). Este processo se complica ainda mais, segundo Groesjan, quando o indivíduo possui mais que três línguas.

Na literatura, portanto, segundo De Angelis (2007), as terminologias bilinguismo e multilinguismo são utilizadas, muitas vezes, uma no lugar da outra, ou seja, o termo multilinguismo é comumente usado no lugar de bilinguismo. Segundo a autora, o termo multilinguismo é mais usado por que expressa a presença de variedades linguísticas em uma situação sociolinguística. Sendo assim, de acordo com De Angelis (2007), sempre que utilizarmos um destes dois termos, é necessário procurar por informações adicionais na literatura e observar se o autor está se referindo à bilíngues ou multilíngues.

Como podemos observar, quanto mais se estuda as implicações em torno das definições apresentadas, mais se percebe como estes dois termos se justapõem.

A seguir, na seção 1.3, trataremos dos processos cognitivo, metalinguístico e social que estão presentes no bilinguismo e multilinguismo.

1.3 Processo cognitivo, questões psicológicas e sociais

12 No original: [...] early bilinguals [...] late bilinguals [...] simultaneous bilinguals.

Vimos anteriormente, nas definições de bilinguismo e multilinguismo na seção 1.1, que é importante ressaltar a importância dos processos cognitivos presentes no aprendizado de línguas. Segundo De Angelis (2007, p. 110),

Pode-se dizer que a maioria dos estudos publicados antes da década de 1960 geralmente afirma que o bilinguismo tem efeitos prejudiciais sobre o desenvolvimento linguístico e cognitivo, enquanto aqueles publicados durante ou após a década de 1960 afirmam que o desenvolvimento linguístico e cognitivo afeta positivamente o processo de aquisição de linguagem.¹³

Conforme De Angelis (2007), foi a partir do final dos anos 1960 e início dos anos 1970 que a maioria dos pesquisadores começou a compartilhar a idéia de que o bilinguismo promove o desenvolvimento cognitivo e facilita a aquisição de outras línguas posteriormente. Segundo Bialystok (2004), em literaturas mais recentes, o bilinguismo tem sido observado como uma vantagem ao invés de desvantagem entre os estudiosos. Sendo assim, de acordo com De Angelis (2010), se o conhecimento de uma segunda língua (L2), acentua o desenvolvimento cognitivo e ajuda na aquisição de outras línguas além de L2, existem no mínimo três hipóteses a serem formuladas. Segundo ela, a primeira hipótese seria que, quanto mais línguas um indivíduo fala, mais acentuado seu desenvolvimento cognitivo e suas habilidades cognitivas, mais rápido e eficiente seu aprendizado. A segunda hipótese, portanto, seria mais alternativa, onde o conhecimento de uma ou mais línguas adicionais, não faria diferença alguma no processo cognitivo de um indivíduo bilíngue. A terceira hipótese, no entanto, seria que o conhecimento de uma língua a mais poderia trazer danos no conhecimento de outra língua que o indivíduo está familiarizado. De acordo com De Angelis (2007, p. 114) estas hipóteses possuem dois elementos importantes que precisam ser distinguidos.

Um é o efeito do conhecimento prévio da língua e da experiência de aprendizagem prévia no desenvolvimento de habilidades cognitivas, por exemplo, habilidades de resolução de problemas e habilidades de memorização. A capacidade de resolver problemas ou memorizar informações não implica necessariamente que o processo de aquisição seja afetado, mesmo que isso seja uma consequência lógica. O outro relaciona-se com o efeito do conhecimento prévio da língua e da experiência prévia de aprendizagem no próprio processo de aquisição, ou seja, se esses fatores afetam o desenvolvimento geral da proficiência no idioma alvo ou o

13 No original: [...] it can be said that most of the studies published before the 1960s typically maintain that bilingualism has detrimental effects upon linguistic and cognitive development, while those published during or after 1960s claim that bilingualism promotes linguistic and cognitive development positively affects the language acquisition process.

desenvolvimento de algum aspecto da gramática ou do léxico da língua alvo.¹⁴

De acordo com Malakoff e Hakuta (1991), um fator interessante a observar entre os indivíduos bilíngues é que estes possuem uma maneira diferenciada de perceber o mundo em seu redor e podem se expressar diferentemente e de modo mais rico entre as duas línguas, uma característica que os monolíngues não possuem. Segundo Grosjean (2010), os falantes bilíngues usam as diferentes línguas com objetivos também diferentes e certas áreas da língua podem prevalecer mais que outras.

Conforme De Angelis (2007), é necessário observar alguns parâmetros sempre que possível, uma vez que estes são importantes no que diz respeito aos processos cognitivos e psicolinguísticos.

São eles:

- idade de aquisição de cada língua não nativa,
- a sequência de aquisição de todas as línguas,
- nível de proficiência em todas as línguas não nativas e como a proficiência é mensurada,
- exposição à ambientes nativos e não nativos,
- instrução de língua em sala de aula para cada língua não nativa (se aprendida em um ambiente formal),
- quantidade de instrução formal em cada língua não nativa (anos e horas semanais),
- o modo de aquisição (aquisição por instrução formal versus aquisição natural,
- o contexto em que cada língua e ou foi usada (por exemplo: em casa, na escola, com amigos e assim por diante),
- o número de línguas que o individual conhece, e as
- habilidades produtivas e receptivas para cada língua e como elas foram mensuradas.

(tradução minha)¹⁵

14 No original: One is the effect of prior language knowledge and prior learning experience on the development of cognitive skills, for instance problem solving abilities and memorization skills. The ability to solve problems or memorize information does not necessarily imply that the acquisition process will be affected, even though it would be a logical consequence. The other relates to the effect of prior language knowledge and prior learning experience on the acquisition process itself, i.e whether these factors affect the overall development on target language proficiency or the development of some aspect of grammar or the lexicon of the target language.

15 No original: - age of acquisition of each non-native language; sequence of acquisition of all languages, proficiency level in all non-native languages; and how proficiency level was measured; exposure to native and non-native language environments; classroom language of instruction for each non-native language (if learned in a formal setting); amount of

Como podemos observar na lista acima, são vários os fatores a serem observados no aprendizado de uma ou mais línguas. Estes e outros fatores serão elencados a seguir na seção 1.4 em que analisaremos as características do aprendiz multilíngue.

1.4 O aprendiz multilíngue

Como vimos na seção anterior, são diversos os fatores cognitivos e psicolinguísticos que envolvem o aprendizado de uma língua. Além destes fatores, de acordo com Malakoff e Hakuta (1991), aprendizes com duas línguas percebem o mundo ao seu redor de uma maneira diferente pois podem se comunicar e expressar seus pensamentos através de dois sistemas linguísticos. Esta seria, segundo estes estudiosos acima mencionados, uma forma de enriquecimento que os indivíduos monolíngues não possuem.

Segundo Chomsky (1965,1981, 1986, 1995), os seres humanos são dotados de um conhecimento gramatical inconsciente, que ele denominou de Gramática Universal. Este conjunto de princípios é baseado na premissa de que temos a capacidade de identificar itens gramaticais imediatamente em uma frase. Alguns destes princípios podem ser universais e outros variáveis. Conforme Butler (2007), *“esse sistema de princípios e parâmetros é considerado a base para a aquisição da linguagem, ou, nas palavras de Jordan, o processo de aquisição da linguagem é simplesmente uma escolha em vez de aprendizagem.”*(tradução minha)¹⁶ De acordo com Flynn, *“a Gramática Universal é acessível e constante, independentemente de quantas gramáticas de língua estão sendo criadas”*.(tradução minha)¹⁷

Como vimos, na seção 1.3, alguns aspectos cognitivos e psicolinguísticos são acionados durante o aprendizado de uma língua. Além destes fatores, é importante saber quais partes do nosso cérebro são ativadas no processo de aprendizagem de uma língua. Segundo Falk e Bardel (2010), algumas questões são importantes a serem levadas em conta neste processo. Vários estudos de neuro imagem, uso de equipamentos e novas tecnologias, permitem identificar quais áreas do cérebro são ativadas durante o processo de aprendizado. De acordo com Dehaene et al (1997, p. 3809) *“diferentes*

formal instruction in each non-native language (years and hours per week); manner of acquisition (formal/instructed acquisition versus natural acquisition); context in which each language is or was used (for example at home, at school, with peers and so on); active or passive use of all languages.

16 No original: This system of principles and parameters is considered to be the basis for language acquisition, or in Jordan's words the process of language acquisition is simply one of selecting rather than learning

17 No original: [...] proposes that UG (Universal Grammar) is accessible and constant, independently of how many language grammars are being created.

áreas do cérebro são recrutadas para aprender e processar a primeira língua (L1) e a segunda língua (L2)”(tradução minha)¹⁸. No entanto, alguns estudiosos defendem outras hipóteses contrárias a esta que acabamos de mencionar. Conforme Chee et al (1999), Illes et al (1999), Klein et al (1994, 1995, 1999) e Perani et al (1998), defendem que L1 e L2, independente de proficiência e/ou idade, são armazenadas na mesma área do cérebro.

Veremos a seguir, na seção 2, os principais aspectos que envolvem a aquisição de L2 e L3, que, segundo Falk e Bardel (2012) diferem qualitativamente, como veremos nas seções 2.1 e 2.2.

2 - Processo de aquisição de primeira segunda língua (L 2) e terceira língua (L 3)

Nesta seção e nas subseções 2.1 e 2.2, veremos como se dá o processo de aquisição de L2 e de L3, uma vez que existem diferenças importantes a serem levadas em conta quando estudamos estes dois processos. Na seção 2.1 trataremos de alguns aspectos no aprendizado de L2, tais como idade, instrução formal ou informal, dentre outros. Na seção 2.2, abordaremos as diferenças cognitivas, metalinguísticas e estratégias linguísticas já desenvolvidas no aprendiz de L3.

2.1 Principais aspectos a considerar no processo de aquisição de L2

Segundo Butler (2013), existe uma crença entre as pessoas de uma forma geral, que as crianças são melhores e mais eficazes no aprendizado de L2 do que os adultos. Apesar, segundo a autora, de vários estudos e pesquisas sobre o efeito da idade na aquisição de L2, ainda existem muitas questões não respondidas.

Na tentativa de classificar os aprendizes bilíngues, Meisel (2008, p. 59) classificou em três diferentes grupos de acordo com a idade e o início do aprendizado de L2. São eles: *bilíngues simultâneos*, ou seja, indivíduos expostos à uma ou mais línguas desde o nascimento ou antes de três anos de idade, *crianças aprendizes de L2* entre as idades de quatro e seis anos e finalmente *adultos aprendizes de L2* aqueles indivíduos com o início do aprendizado após os oito anos de idade. Porém, segundo Meisel, quando pensamos no caminho de aquisição destes grupos, pode-se observar que dependendo do domínio morfológico ou sintático, alguns dos grupos mencionados acima, apresentam uma melhor performance do que outros. Schwartz (2003), propôs o que ele chamou de *modelo de domínio por idade* onde a aquisição de L2 de uma criança mostra um padrão de desenvolvimento

18 No original: [...] different areas of the brain are recruited to learn and process the first language (L1) and the second language

similar que o da aquisição de L1 de uma criança no que diz respeito à morfologia flexional enquanto que a aquisição de L2 de uma criança é mais parecida com a de um adulto no que diz respeito à sintaxe.

No entanto, segundo Butler (2013), estudos empíricos comparando padrões de desenvolvimento de aquisição mostraram resultados diferentes até o momento, de acordo com Haznedar and Gavruseva (2008). Conforme Butler (2013), vários estudos já foram realizados com o objetivo de investigar o fator idade no aprendizado de L2. Porém, existem algumas discordâncias em relação à existência ou não de um “*período crítico*” (tradução nossa) para a aquisição de L2. De acordo com Butler (2013), a noção de “*período crítico*” que nada mais é do que como sendo “*uma janela de desenvolvimento limitada durante a qual é possível obter uma linguagem nativa*” (tradução nossa), foi inicialmente proposta por Penfield e Roberts (1959) e mais tarde popularizada por Lennerberg (1967). Segundo Lennenberg, o “*período crítico*” começa por volta de um ano de idade e termina na puberdade, por volta dos 13 anos de idade. De acordo com Butler (2013), a fim de comprovar a existência de um período crítico, Hakuta (2001, p. 95-6) destacou algumas características e alguns aspectos a serem notados como por exemplo o início e o fim do “*período crítico*”, um declínio bem definido na aquisição de L2 no final do período, diferenças qualitativas no aprendizado entre aquisição dentro e fora deste período e também em relação à variações ambientais dentro deste mesmo período. Segundo Butler (2013), para aqueles que acreditam que exista um “*período crítico*” ao mesmo tempo não há consenso sobre quando o início e o desfecho do “*período crítico*” ocorrem. As idades variam dependendo do domínio morfológico, sintático e lexical. De acordo com Butler (2013), não se pode ignorar o fato de que, várias experiências na vida de um indivíduo tais como estudo formal, experiências afetivas e profissionais, estão diretamente ligados à idade assim como no aprendizado de L2.

Conforme Butler (2013), algumas variáveis são levadas em conta neste tipo de estudo, como por exemplo, a idade do início da aprendizagem, o período de exposição à língua alvo, e a idade cronológica de teste, segundo Bialystok e Hakuta (1994) e Stevens (2006). De acordo com Butler (2013), alguns pesquisadores fazem uma correlação negativa na idade entre, por exemplo, imigrantes que chegam em um determinado país cuja a língua alvo é falada, e o desempenho linguístico em algumas áreas específicas. Para melhor entendermos as variáveis que são levadas em consideração neste modelo de pesquisa, trataremos de definir algumas siglas tais como: *IDC* – *idade de chegada e PDR* – *período de residência e IDT* – *idade de teste*. Estas variáveis são importantes para análise de como se dá o desempenho dos aprendizes de L2 que vivem em um país cuja a língua falada é a língua alvo. Algumas mudanças podem ocorrer durante estes diferentes períodos dependendo da idade e

velocidade de processamento cognitivo e memória de trabalho durante os testes realizados, conforme Birdsong (2006).

Os estudos feitos por Lennerberg, como vimos previamente, não descartam a possibilidade de, conforme Butler (2013), alguns participantes já terem recebido instrução formal da língua alvo mesmo antes de imigrar para o país anfitrião, resultando assim, em uma melhor precisão no uso de L2. De acordo com Ellis (2003), “*instrução formal pode resultar em um aumento da precisão – acurácia - entre aprendizes jovens e adultos, e entre aprendizes iniciantes e avançados*” (tradução minha)¹⁹.

De acordo com Butler (2013), é importante notar também, a influência da L1 na aquisição de L2. Na década de 60, por exemplo, pesquisadores achavam que, os erros dos aprendizes de L2 estavam associados, de certa maneira, aos erros estruturais cometidos em L1. Porém, na década de 70, segundo Butler (2013), pesquisadores tinham consciência de que os erros cometidos por estes aprendizes não poderiam ser explicados como transferência simplesmente. Trataremos do aspecto de transferência no final desta seção e também na seção 3 que é o foco deste trabalho.

De acordo com Cook (2017), os estudos de aquisição de segunda língua – SLA, com relação aos efeitos do fator idade no aprendizado de L2, ainda não produziram resultados conclusivos depois de várias pesquisas. A maioria destas pesquisas, no entanto, tem se concentrado basicamente à imigrantes de países de língua inglesa.

Entre os estudos e pesquisas de aprendizado de segunda língua, é importante destacar também os processos cognitivos como vimos anteriormente. Grosjean (1998, p. 136) introduziu a noção de *modo bilíngue* que ele definiu com “*um estado de ativação da língua do bilíngue e do mecanismo de processamento de língua*” (tradução minha)²⁰ onde, dependendo do contexto o aprendiz bilíngue ativa as duas línguas em grau diferente. Segundo Grosjean, “*durante o modo bilíngue, ambos os idiomas são ativados em graus variados e, durante o modo monolíngue, um idioma é inibido, mas ainda está disponível, caso seja necessário.*” De acordo com ele, uma vez que o *modo bilíngue* influencia a percepção da língua do bilíngue (ex.: sua velocidade de processamento) e a produção (ex.: a quantidade de mudança de código), sendo assim, esse fator precisa ser levado em consideração ao descrever o bilinguismo.

Dentre os estudos de aquisição de segunda língua, outros fatores são também levados em consideração no aprendizado de L2. Tais como o nível de fluência nativa que, segundo Butler (2013) não é muito fácil de mensurar, pois implica em vários fatores a serem levados em conta. Por outro

19 No original: [...] formal instruction can result in an increase in accuracy among both young and adult learners, and among both beginners and advanced learners.

20 No original: [...] a state of activation of the bilinguals' language and language processing mechanism.

lado, conforme Cook (2017), uma pequena proporção de aprendizes de L2 consegue obter o mesmo conhecimento de língua do que um falante nativo, o mesmo acontece em relação ao sotaque.

Cook (1991, p. 112) propôs noção de multicompetência, que, de acordo com ele, seria “*o estado composto da mente com duas gramáticas*” (tradução minha)²¹. Esta noção contrasta com a idéia de mono competência que seria a competência da mente com uma gramática. Cook (1992, p. 585) conclui que “*em um nível, a competência múltipla é inegável; como os usuários de L2 não têm duas cabeças, sua mente deve ser diferente em algum nível de abstração*” (tradução minha)²².

Nos estudos de aquisição de L2, conforme Butler (2013), é importante ressaltar que existe um viés bilíngue uma vez que o processamento de linguagem de um bilíngue é o mesmo de um multilíngue, o que nos leva a crer que existe uma tendência a apontar estas afirmações como não garantidas. De acordo com Butler (2013) existe entre os pesquisadores um olhar cada vez mais holístico em relação à aquisição de linguagem.

Segundo De Angelis (2007), este viés bilíngue acima mencionado, seria:

o viés bilíngue refere-se à tendência de ver os multilíngues como bilíngues com alguns idiomas adicionais, em vez de falantes de várias línguas desde o início. Também se refere à tendência associada de considerar os processos de aquisição e produção bilíngues como processos padrão ou multi línguas. Adotar a posição de que os multilíngues são bilíngues com idiomas adicionais reflete, essencialmente, a suposição subjacente de que os idiomas adicionais são um tanto supérfluos. A mente multilíngue torna-se uma mente com duas linguagens, às quais mais algumas linguagens podem ser adicionadas (ou eliminadas), mas a adição (ou redução) de linguagens é algo opcional.²³

Na seção seguinte, analisaremos o processo de aquisição de L3 e observaremos as diferenças mais relevantes comparadas com o processo de aquisição de L2.

2-2 - Principais aspectos a considerar no processo de aquisição de L3

21 No original: [...] the compound state of mind with two grammars

22 No original: [...] at one level, multiple competences undeniable; as L2 users do not have two heads, their mind must be different at some level of abstraction

23 No original: The bilingual bias refers to the tendency to view multilinguals as bilinguals with some additional languages rather than as speakers of several languages from the start. It also refers to the associated tendency of regarding bilingual's acquisition and production processes as default processes or multilinguals. Taking the position that multilinguals are bilinguals with additional languages essentially reflects the underlying assumption that the additional languages are somewhat superfluous. The multilingual mind becomes a mind with two languages, to which some more languages can be added (or dropped), but the addition (or reduction) of languages is somewhat optional.

De acordo com De Angelis (2007), uma das primeiras premissas a destacarmos quando estudamos o processo de aquisição de L3 é que, multilíngues não podem ser comparados à aprendizes de L2. Segundo ela, o conhecimento e aprendizado prévio de uma segunda língua podem influir substancialmente no aprendizado de uma ou mais línguas. Conforme Falk e Bardel (2010), o uso do termo L3 refere-se à uma língua não nativa adquirida depois de uma L2, por exemplo, a partir da L3 em diante. De acordo com Falk e Bardel (2010) este fator acima mencionado, também foi observado previamente por Hammarberg (2001, p. 22)

Para obter uma base para discutir a situação do poliglota, usaremos aqui o termo L3 para o idioma que está sendo adquirido atualmente e L2 para qualquer outro idioma que a pessoa adquiriu após L1. Deve-se notar que L3 neste sentido técnico não é necessariamente igual à linguagem número três em ordem de aquisição.²⁴

De acordo com Falk e Bardel (2010), é importante diferenciarmos a aquisição de L2 da de L3. Esta diferenciação é, segundo estes autores, diversa e complexa. Um dos fatores seria a possível multiplicidade das interações entre os sistemas linguísticos na mente multilingue do aprendiz. Segundo Cenoz et al (2001b:2)

Aprendizes de segunda língua têm dois sistemas que podem potencialmente se influenciar mutuamente (L1 ↔ L2) [...] Dois outros relacionamentos bidirecionais podem ocorrer na aquisição da terceira língua: L3 pode influenciar L1 e ser influenciado pela L1 (L1 ↔ L3) e influência cross-linguistic também pode ocorrer entre o L2 e L3 (L2 ↔ L3).²⁵

Segundo Falk e Bardel (2010), podemos assumir que os aprendizes de L3 que já foram expostos à aquisição de L2 em um contexto formal, estão cientes do processo de aprendizado de uma língua e já adquiriram experiências metalinguísticas e estratégias de aprendizado para facilitar o processo de aprendizado de uma língua estrangeira. (JESSNER 2006; TOWELL E HAWKINGS 1994; WOOD BOWDEN et al. 2005).

No que diz respeito à competência linguística, de acordo com Paradis (2009, X),

24 No original: In order to obtain a basis for discussing the situation of the polyglot, we will here use the term L3 for the language that is currently being acquired, and L2 for any other language that the person has acquired after L1. It should be noted that L3 in this technical sense is not necessarily equal to language number three in order of acquisition. (Hammarberg 2001:22)

25 No original: Second language learners have two systems that can potentially influence each other (L1 ↔ L2) [...] Two other bi-directional relationships can take place in third language acquisition: L3 can influence L1 and be influenced by the L1 (L1 ↔ L3) and cross-linguistic influence can also take place between the L2 and L3 (L2 ↔ L3)

nossa capacidade de comunicação verbal inclui competência linguística (fonologia, morfologia, sintaxe e léxico) e conhecimento meta linguístico (conhecimento consciente de fatos sobre as línguas, incluindo o vocabulário).²⁶

Diante das afirmações acima, é importante entendermos que o aprendiz de L3 já possui uma bagagem meta linguística que facilita o aprendizado de outra língua estrangeira. Como vimos anteriormente na seção 1 onde tratamos do bilinguismo, a literatura nos mostra que o bilinguismo é uma vantagem para os indivíduos, pois, conforme Bialystok, (2004) este fenômeno “*ajuda nosso cérebro a permanecer jovem e ativo durante a velhice*” (tradução minha)²⁷. Sendo assim, segundo De Angelis (2010), algumas hipóteses foram levantadas no que diz respeito à vantagens e desvantagens no aprendizado de L3. Uma destas hipóteses seria que, segundo ela, “*quanto mais línguas um indivíduo estiver familiarizado, mais provável é que suas habilidades cognitivas sejam aprimoradas e que o processo de aquisição da linguagem aumente em velocidade e eficiência.*” (tradução minha)²⁸. Além do aprimoramento das habilidades linguísticas, conforme Hufeisen (2004, p. 145),

A adição de linguagens à mente traz uma gama completa de efeitos que podem influenciar a vida pessoal e a experiência de aprendizagem dos indivíduos, estratégias de aprendizagem individuais e / ou conhecimento sobre o próprio tipo de aprendiz. Claramente, adicionar uma linguagem à mente está fadado a nos enriquecer linguisticamente e culturalmente, e o que se ganha pode gerar efeitos de vários tipos.²⁹

Como vimos anteriormente, de acordo com De Angelis (2007), algumas vantagens são ressaltadas no que diz respeito ao conhecimento de línguas. Porém, De Angelis (2007), ressalta também a hipótese de que o conhecimento de uma língua adicional pode não fazer diferença alguma pois em se tratando de vantagens entre bilíngues e multilíngues em termos de processo e desenvolvimento cognitivo quando comparados com monolíngues. A terceira hipótese, segundo De Angelis (2010), seria que o conhecimento de uma língua adicional acarretaria em certo prejuízo para as

26 No original: [...] our capacity of verbal communication includes linguistic competence (phonology, morphology, syntax and lexicon) and metalinguistic knowledge (conscious knowledge of facts about languages, including vocabulary).

27 No original: [...] help our brains remain young and active during the old age

28 No original: [...] the more languages an individual is familiar with, the more likely is that his or her cognitive skills will be enhanced, and that the language acquisition process will increase in speed and efficiency

29 No original: Adding languages to the mind brings about an entire range of effects which can influence individuals' personal life and learning experience, individual learning strategies and /or knowledge about one's own learner type. Clearly, adding a language to the mind is bound to enrich us linguistically and culturally, and what is gained can generate effects of various kinds.

outras línguas que um indivíduo tenha conhecimento. Veremos na seção 3 a seguir, alguns aspectos referentes a esta hipótese quando trataremos da influência translinguística de L2 em L3, que é o objetivo deste trabalho.

Outras hipóteses foram levantadas no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo daqueles indivíduos monolíngues comparados com indivíduos multilíngues no tocante às vantagens no desenvolvimento cognitivo como vimos anteriormente. Segundo Malakoff e Hakuta (1991)

Um dos argumentos é que indivíduos com duas línguas aprendem a ver e perceber o mundo ao seu redor através de dois sistemas linguísticos. Eles podem codificar em duas línguas, e podem expressar-se com duas línguas, e esta é uma forma de enriquecimento que os monolíngues não têm à sua disposição.³⁰

Segundo Bardel e Falk (2012), aprendizes de L3 que já possuem L2 em um contexto formal, e adquiriram a consciência meta linguística, ou seja, que estão cientes que existem diferenças e similaridades entre as línguas, possuem também estratégias de aprendizado que podem facilitar o aprendizado de uma língua. Esses aprendizes já possuem também conhecimento de L1 e conhecimento enciclopédico de L2, o que também pode facilitar o aprendizado. De acordo com Bardel e Falk (2012), esses fatores dependem também de fatores internos e externos, como motivação, idade, ambiente de aquisição e assim por diante.

Dentre os aspectos relacionados acima, podemos também levar em consideração os aspectos sócio-linguísticos no aprendizado de línguas. Além de agregar aspectos culturais, o conhecimento de línguas permite aos indivíduos de se comunicarem de uma forma mais ampla, como por exemplo no campo político, relações internacionais e ambientais, e assim por diante. Conforme De Angelis (2010), a língua pode representar um recurso de luta ou de liberdade em várias partes do mundo, onde em alguns países pode-se haver ou não a valorização de línguas minoritárias. A pesquisadora ressalta também a importância de se divulgar o multilinguismo como uma forma de incentivar a consciência de multiculturalidade.

Na seção 2.3 a seguir, trataremos brevemente das definições sobre influência translinguística. Este fenômeno será abordado mais detalhadamente na seção 3, que é o foco principal deste trabalho.

2.3 - Influência translinguística (transfer)

³⁰ No original: One of the arguments is that individuals with two languages learn to see and perceive the world around them through two linguistic systems. They can encode in two languages, and they can express themselves with two languages, and this is a form of enrichment that monolinguals do not have at their disposal.

Nesta seção trataremos sobre algumas definições do termo influência translinguística, e citaremos alguns estudos existentes nesta área. Nas seções seguintes deste trabalho, adentraremos mais especificamente no conceito mais usado, nos estudos de casos de influência translinguística já realizados e na contribuição que estes estudos podem nos trazer no que diz respeito ao ensino de línguas.

De acordo com De Angelis (2010), o termo influência translinguística foi introduzido inicialmente nos meados da década de oitenta por estudiosos como Kellerman (1984), Sharwood-Smith, (1983). De acordo com Sharwood-Smith e Kellerman, (1986), estes estudiosos definiram a influência translinguística como um termo neutro para as diversas formas de transferências que podem ocorrer em uma língua alvo, como por exemplo, transferência, interferência, empréstimo, dentre outros. Outras definições foram adotadas por outros autores e analisaremos com mais detalhes nas seções seguintes.

É importante ressaltar, que, durante este trabalho, o termo *transfer* poderá ser usado por alguns autores para se referir à influência translinguística. Conforme De Angelis (2010), a influência translinguística é vista como um fenômeno que diz respeito à duas línguas – uma língua de origem e uma língua alvo.

Vários aspectos estão interligados com a influência translinguística que afetam aprendizes influência estas que podem ser de línguas previamente adquiridas ou da interferência da própria L1.

Como dissemos anteriormente, alguns fatores, como distância entre língua, tipologia, proficiência, idade e L2 status, bem como certos conceitos e análise de estudos de casos, serão abordados mais detalhadamente nas seções a seguir na seção 3 e sub-seções 3.1 e 3.2.

3- Influência translinguística

3.1 – Conceito e definição

De acordo com Falk e Bardel (2010), os primeiros estudos empíricos que apontaram a existência de influência translinguística de uma língua não nativa em outra, foram, inicialmente, nos meados da década de setenta, por Astrid Stedje. Em seus estudos, ela constatou que aprendizes finlandeses de alemão como L3, tendo sueco como L2, transferiam palavras funcionais, como por exemplo conjunções, preposições, etc. Mais tarde, nos meados dos 1980, porém, o termo influência

translinguística fora introduzido, segundo De Angelis (2007) por Kellerman, 1984, Sharwood-Smith, 1983. Segundo estes autores, a influência translinguística seria um termo teórico neutro, dos diferentes tipos de influências possíveis, tais como vimos anteriormente na seção 2.3 acima, são eles, transferência, interferência, empréstimo, dentre outros. Segundo De Angelis (2007), na maioria das definições de influência translinguística, parte-se do princípio que línguas não nativas são responsáveis por este tipo de fenômeno em muitos casos e continuam a ser estudados em várias literaturas até os dias de hoje. De acordo com De Angelis, dentre várias definições de influência translinguística, Odlin (1989, p. 27) define este fenômeno como “*a influência resultante de semelhanças e diferenças entre a língua-alvo e qualquer outra língua que tenha sido previamente (e talvez imperfeitamente) adquirida*”(tradução minha)³¹.

Conforme De Angelis (2007), os estudos empíricos de influência translinguística de línguas não-nativas, não são muito comuns se comparados com os estudos de influência translinguística de línguas nativas. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é de conhecermos os estudos teóricos existentes na literatura sobre influência translinguística em L3, e debruçarmos também sobre os estudos de casos que veremos nas seções seguintes. O estudo e conhecimento deste fenômeno, é importante para fundamentar que a influência translinguística pode ocorrer também não só com línguas nativas, bem com línguas não-nativas. Além disto, esses estudos nos auxiliam, segundo De Angelis (2007), a entendermos os processos mentais no que diz respeito à aquisição de línguas não-nativas, o que nos permitirá termos uma visão de aspectos importantes que influenciam os aprendizes de línguas na produção e aquisição de L3.

De acordo com De Angelis (2007, p. 21), existem vários fatores, tais como “*distância entre língua, proficiência da língua alvo e proficiência da língua de origem, tempo de uso recente, tempo de residência e exposição a um ambiente de língua não nativa, ordem de aquisição e formalidade do contexto*” (tradução minha)³², que podem alavancar ou dificultar a iminência de influência translinguística de línguas não nativas. Analisaremos estes fatores detalhadamente, nas seções seguintes. É importante notar que a influência translinguística é um fenômeno que se dá tanto à nível consciente, bem como inconsciente, como poderemos ver mais adiante. De acordo com Dewaele (2015), em relação ao uso do léxico, a influência translinguística pode ser intencional ou não intencional como comprovaremos nas seções seguintes. Dentre os vários fatores que listaremos e

31 No original: [...] the influence resulting from similarities [and differences between the target language and any other language and any other language that has been previously (and perhaps imperfectly) acquired

32 No original: [...] language distance, target language proficiency and source language proficiency, recency of use, length of residence and exposure to a non native language environment, order of acquisition and formality of context.

que facilitam a influência translinguística, analisaremos também o fator idade que pode também facilitar que este fenômeno ocorra, como veremos em estudos feitos Cenoz (2001, p. 16).

Na seção 3.2 a seguir, veremos com mais propriedade os aspectos relacionados acima, tais como a distância da língua, proficiência, recência, dentre outros.

3.2 Principais aspectos que envolvem a influência translinguística

Como vimos anteriormente ao definirmos a influência translinguística, listamos alguns fatores importantes a serem estudados. Analisaremos em mais detalhes a seguir, aspectos levantados por vários pesquisadores.

De acordo com De Angelis (2007), existe um acordo entre os estudiosos (AHUKAMA et al., 1981; BOUVY, 2000; CENOZ 2001, 2003b; CENOZ; VALENCIA 1994; CHANDRASKHARR 1979; CHARKOVA 2004; CLYNE 1997; CLYNE; CASSIA 1999; DE ANGELIS, 1999, 2005a, 2005b, 2005c; DE ANGELIS; SELINKER 2001; DEWAELE 1998; ECKE 2001, 2003; FOUSER, 2001; MOHLE, 1989; RINBON, 1987, 2001, 2003; VILDOMEK 1963; VOORWINDE, 1981; WILLIAM E HAMMARBERG 1998), que a influência translinguística pode acontecer em línguas que são mais próximas do que línguas mais distantes. Sendo assim, focalizaremos um destes fatores: distância entre línguas. Conforme De Angelis (2010), a distância da língua para os linguistas seria a distância que pode ser formalmente identificada entre as línguas e sua família de línguas. Como por exemplo, a família de línguas neolatinas, românicas e germânicas. Este tipo de fator é o que a literatura denomina como “*perceived language*”, ou seja, quando o aprendiz percebe duas línguas aparentemente semelhantes. O termo linguagem percebida também foi intitulado *psychotypology* por Kellerman (1977, 1978, 1983) quando realizou estudos em aprendizes holandeses de inglês como L2 quando comparados com os estudos de Jorden de aprendizes holandeses de alemão como L2. Foi observado a influência translinguística no uso de expressões idiomáticas devido a proximidade das duas línguas.

De acordo com De Angelis (2007), a maioria dos aprendizes também percebe a existência de similaridades entre palavras francesas e inglesas, por exemplo. Existe um alto número de palavras cognatas que poderemos observar em estudos de casos mais adiante. Apesar de aprendizes perceberem estas similaridades, estes mesmos aprendizes observam também que a língua francesa e a língua inglesa, diferem consideravelmente no que diz respeito à fonética e fonologia.

Conforme De Angelis (2007), os estudos de Ringbom (2002) são importantes para entendermos as diferentes transferências possíveis em indivíduos multilíngues e como se dá os processos

multilíngues. Segundo De Angelis, em seus estudos, Ringbom (2002), *fornece uma classificação de transferência baseada em uma diferença entre forma e significado, que é muito útil para explicar a diferença entre parentesco e similaridade.*”(tradução minha)³³ Ringbom (2002) acredita existir três níveis de transferência, que ele denominou de “*an overall level, an item level and a system level*” (um sistema geral, um sistema de item e um sistema de nível). Ringbom (2002), explica a noção de que o aprendiz tem das similaridades das línguas no tocante à o alfabeto, as categorias gramaticais, as palavras cognatas e similaridades lexicais. Este nível de transferência *sistema geral* facilita a percepção, a compreensão e o aprendizado. O segundo tipo de transferência, segundo De Angelis (2007), *item transfer* (que pode também ser denominado como transferência negativa devido ao uso de *false friends*) é muito comum em aprendizes iniciantes, pois os mesmos fazem uma relação com a forma ao invés do significado. À medida que o aprendiz avança em seu aprendizado e começa a entender o verdadeiro significado das palavras, menor é o índice de transferências negativas. O terceiro nível de transferência, segundo Ringbom (2002), seria *system transfer* é quando o aprendiz identifica a ideia de significado e não de forma. Segundo De Angelis (2007), este tipo de transferência é negativa e pode se manifestar de diversas maneiras, principalmente na influência de L1 ao invés de uma língua não nativa. Segundo De Angelis, aprendizes multilíngues percebem melhor as similaridades e diferenças entre as línguas devido ao fato de que, ao saber várias línguas, tem mais informações de onde retirar. De acordo com De Angelis, multilíngues possuem a tendência de escolher uma das línguas como uma fonte primária de informação. Segundo De Angelis (2007, p. 26), “*Chandrasekhar (1978) explicou o fenômeno com a hipótese da “linguagem de base”, segundo a qual os aprendizes são influenciados principalmente pela linguagem que mais se assemelha à língua alvo.*”(tradução minha)³⁴ Segundo William e Hammarberg (1998), parentesco é um dos fatores que determina qual língua os aprendizes considerarão como a língua base de informação. A escolha da língua que servirá como base é, portanto, escolhida baseada em L1 e L2 status (que veremos a seguir), uso de recência e nível de proficiência. Sendo assim, segundo De Angelis (2007), parentesco e similaridades formais são fatores importantes que alavancam a influência translinguística. No que diz respeito à parentesco, como dissemos anteriormente, existem línguas que são próximas uma das outras com base em uma afiliação genética entre línguas românicas e germânicas (ou indo-européias).

Um dos fatores mais debatidos entre os pesquisadores é o que foi chamado de “*L2 status*” ou

33 No original: [...] provides a classification of transfer based on a difference between form and meaning which is very useful in accounting for the difference between relatedness and similarity.

34 No original: “Chandrasekhar (1978) explained the phenomenon with the “base language” hypothesis, according to which learners are mainly influenced by the language that most resemble the target language”.

“efeito de língua estrangeira”- *Foreign language effect*, como definiu Meisel (1983) - que é quando se tem a tendência de utilizar e acionar outras línguas estrangeiras como vimos anteriormente. Segundo Falk e Bardel (2012), no aprendizado de L3, estudos demonstram que L2 tem um papel forte na influência translinguística. A explicação estaria no fator “L2 status”, que, segundo Hammarberg (2001, p. 36 - 37)), define como “*Um desejo de suprimir L1 como sendo 'não-estrangeiro' e de confiar em uma orientação para uma L2 anterior como uma estratégia para se aproximar da L3*”³⁵ (tradução minha)

De acordo com Falk e Bardel (2010), o L2 status é um fator natural do resultado de diferenças cognitivas e sócio linguísticas entre o aprendizado de L1 e L2. Estas diferenças são em relação ao processo de aquisição de L2 que difere totalmente do de L1, uma vez que envolve vários fatores tais como idade de início do aprendizado, o nível de proficiência, o ambiente de aprendizado, conhecimento metalinguístico, estratégias de aprendizado e o próprio processo em si. Segundo Williamse e Hammarberg (2009 -[1998]), quando um aprendiz já possui uma língua não nativa, a mesma vai, subconscientemente se sobrepor à língua nativa. De acordo com De Angelis (2007, p. 29), (tradução minha)

Sempre que várias línguas estão na mente, esta associação cognitiva favorece o uso de palavras não nativas sobre o uso de palavras nativas, já que as línguas estrangeiras são geralmente vistas como mais próximas uma da outra do que a língua nativa. A associação de estrangeiridade, portanto, resulta em um maior nível de aceitação de informações não-nativas na língua alvo (de destino)”³⁶.

Segundo De Angelis (2005b), esta associação feita com a língua não nativa é um tipo de restrição cognitiva e não uma estratégia proposital uma vez que o aprendiz não tem controle sobre este fenômeno. De acordo com De Angelis (2007), esta associação cognitiva já fora observada em relatórios feitos por estudiosos como Aronin e Toubking (2002), Cohen (1995), De Angelis e Selinker (2001), Rivers (1979), Schimidt e Frota (1986) e Silinker e Baumgartner-Cohen (1995). Segundo De Angelis (2010, p. 30), alguns relatórios de Cohen de alunos trilíngues com inglês como L1, por exemplo nos mostra um comportamento interessante como o relato de um aprendiz a seguir:

35 No original: [...] a desire to suppress L1 as being 'non-foreign' and to rely rather on an orientation towards a prior L2 as a strategy to approach the L 3

36 No original: Whenever several languages related to each other are in the mind, this cognitive association favors de use of non-native language words over the use of native one as foreign languages are generally perceived to be closer to each other than to the native language. Association of foreignness thus results in an increase acceptance level of non-native information into the target language.

"Eu estudei espanhol na Suécia como estudante de intercâmbio. Uma pergunta seria colocada em sueco com o objetivo de uma resposta em espanhol, mas na minha cabeça ia sueco-inglês-sueco, como eu estava falando "estrangeiro". Foi muito confuso para o instrutor, e muitas vezes eu não sabia em que língua eu havia produzido."³⁷

Para Cohen (1995), a mente do aprendiz entra em um modo estrangeiro, o que para ele pode parecer como se estivesse produzindo algo vindo de uma língua não nativa ao invés de produzir algo na língua alvo. Este tipo de situação acontece muito frequentemente com multilíngues que, segundo De Angelis (2007), "*Em contraste com todos os estudos reportados até o momento, é a evidência de que alguns multilíngues apoiam-se em línguas distantes para informação, mesmo quando eles possuem conhecimento de línguas com proximidade relativa à língua alvo.*" (tradução minha)³⁸

Conforme De Angelis (2007) o fator proficiência é um dos fatores responsáveis também pela influência translinguística, principalmente no que diz respeito ao léxico. Este fator é discutido em relação à proficiência da língua base L1, e de línguas não nativas L2 e da língua alvo TL (*target language*). Segundo Falk e Bardel (2010), quanto maior o nível de proficiência em línguas não nativas L2, maior elas exercerão um papel na aquisição de L3. Esses fatores também já foram levantados e estudados por Williams e Hammarberg (2009) [1998]. Por outro lado, segundo De Angelis (2005), a baixa proficiência nas línguas não nativas adquiridas previamente, também deve ser considerado. Segundo Ringdom (1987), quanto menor a proficiência na língua alvo, maior será a influência das línguas não nativas L2, principalmente no que diz respeito à comunicação, como um auxiliador para manter a comunicação fluindo. A transferência lexical neste caso seria mais formal em caráter e mais semântico em caráter em níveis mais avançados de proficiência. Alguns estudos tais como o de Lindqvist (2007), realizados com indivíduos avançados de sueco tendo francês como L3, demonstraram que a transferência de vocabulário (léxico) era mais frequente em indivíduos mais avançados do que com indivíduos de níveis mais iniciantes. Podemos concluir que, segundo Falk e Bardel (2010), os estudos acima mencionados provaram que a influência translinguística ocorre mais na língua alvo quando o nível de proficiência é maior nas línguas não nativas L2. Porém, de acordo com De Angelis (2007), o fator proficiência no que diz respeito à língua alvo é normalmente nos níveis iniciantes de

37 No original: I studied Spanish in Sweden as an exchange student. A question would be posed in Swedish with the goal of a reply in Spanish, but in my head it went Swedish-English-Swedish, as I were speaking "foreign". It was very confusing for the instructor, and I often wouldn't know which language I had produced in.

38 No original: [...] In contrast with all the studies reported so far, is the evidence that some multilinguals rely on distant languages for information, even when they have knowledge of languages closely related to the target language.

aquisição de uma língua, onde o conhecimento da língua ainda é fraco e fragmentado e a necessidade de preencher algumas lacunas deste conhecimento é mais urgente (NAVÉS ET AL., 2005; ODLING, 1989, RINGBOM, 1986; SIKOGUKIRA, 1993, SINGLETON, 1987; TAYLOR, 1975; WILLIAMS E HAMMARBERG, 1998). Segundo De Angelis, isto tudo não significa que transferência (transfer) não aconteça em níveis mais avançados de aquisição. É importante notar, que para Odlin (1989), alguns tipos de transferências ocorrem tanto em estágios iniciais ou avançados. Segundo ele, a transferência negativa acontece geralmente em estágios iniciais, como uma forma de preencher lacunas quando o aprendiz não se dá conta do que falar. Por outro lado, a transferência positiva acontece em estágios mais avançados de aquisição, quando os aprendizes podem se beneficiar da compreensão e do conhecimento prévio de outras línguas e também de palavras e vocabulário cognatos.

Segundo De Angelis (2007), o fator proficiência nos traz algumas questões a serem pensadas no que diz respeito à quão proficiente um aprendiz precisa ser para que a transferência e conhecimento prévio possam afetar a produção e o desenvolvimento da língua alvo? O tempo de estudo e aprendizado de uma língua não nativa é relevante no processo de transferência? De acordo com De Angelis (2007), alguns estudiosos atestam que, o nível de proficiência para que a transferência ocorra é muito baixo, normalmente em um ou dois anos de instrução formal já são suficientes para que este fenômeno ocorra. Porém, de acordo com Falk e Bardel, alguns estudos empíricos já realizados, como por exemplo De Angelis (2005b), indicaram que, mesmo alguns indivíduos possuindo um nível baixo de proficiência em L2 e em L3, a influência translinguística se faz presente como veremos mais adiante, na seção 3.3, onde analisaremos alguns casos de estudos que comprovarão as teorias acima mencionadas.

Como vimos inicialmente nesta seção, são vários os fatores que permeiam a influência translinguística. Além dos fatores previamente mencionados, tais como distância entre língua, L2 status, proficiência, veremos agora o fator recência. Segundo De Angelis (2007), na década de sessenta, Vildomec (1963), fora um dos estudiosos que primeiramente notou a influência translinguística de uma língua não nativa adquirida recentemente sobre uma língua alvo, se comparadas como uma língua adquirida e não usada frequentemente por um longo período de tempo. Para este estudioso, a transferência de uma língua não nativa seria mais provável de acontecer pelo fato de que a mesma estaria mais ativa e fresca na mente do indivíduo.

Hammarberg (2001) sugere que indivíduos são mais prováveis de tomarem emprestado itens linguísticos de uma língua que eles usam mais ativamente do que de uma outra língua que eles saibam mas não a utilizam de uma maneira mais ativa.

Dentre os diversos fatores já elencados acima, a tipologia, (traços característicos de uma palavra ou estrutura que se assemelha à outra língua) é também um fator de influência translinguística. De acordo com Bardel (2006), Lindqvist (2007), De Angelis (2005a, 2005b), uma língua românica é facilmente transferida para outra língua românica L3. A psicotipologia exerce um papel também na influência translinguística, pois, segundo Kellerman (1983), “... a psicotipologia é a percepção da proximidade relativa das línguas. Esta percepção é gerada na mente do aprendiz e não se refere necessariamente à semelhanças linguísticas objetivas mas à própria percepção do aprendiz da relação entre as línguas.”(tradução minha) Segundo Ringbom, “um aprendiz de línguas está sempre procurando similaridades entre línguas (cf. Heywood 2000). Segundo Dewaele (1998), aprendizes de francês tendo inglês como L1, rapidamente se dão conta que existem um número considerado de palavras inglesas.

Além dos fatores acima mencionados, o fator idade também pode influenciar no processo de transferência. Segundo os estudos de Cenoz (2001, p. 16) realizados em aprendizes de língua nativa basca e espanhola, fora observado que aprendizes mais velhos usavam mais a influência translinguística que os aprendizes mais novos. Para Cenoz, esta questão deve-se ao fato de que os aprendizes mais velhos possuem um maior conhecimento metalinguístico e uma percepção da distância da língua do que os aprendizes mais novos. Analisaremos com mais detalhes este estudo de caso na seção a seguir.

Nos estudos de influência translinguística observados pelos pesquisadores, nota-se não só os fatores que podem acarretar este fenômeno, como vimos anteriormente, bem como que tipo e o que pode-se transferir de uma determinada língua não nativa para outra. Veremos brevemente agora, quais seriam estes itens linguísticos possíveis de transferência. Segundo De Angelis (2007), observou-se a transferência de itens lexicais como *palavras de conteúdo* (content words) tais como substantivos, numerais, adjetivos e a maioria dos advérbios e *palavras funcionais* (function words) como por exemplo, preposições, conjunções, pronomes. Porém, estes itens de transferência se diferem quando se trata de L1 e de uma língua não nativa. Segundo De Angelis (2007), fonética e fonologia também são itens observados na influência translinguística. Segundo ela, falantes de línguas estrangeiras carregam consigo traços fonéticos de suas línguas nativas fazendo com que estes falantes produzam um sotaque característico de um falante não nativo, revelando assim sua origem. A distância entre língua também possui um papel importante na influência translinguística como vimos anteriormente, em relação à pronúncia de certas palavras em línguas românicas como o francês e o italiano. Segundo De Angelis (2007), “a semelhança fonética parece facilitar instâncias de transferência de línguas nativas bem

como não nativas e línguas próximas e não próximas.”(tradução minha)³⁹. De acordo com De Angelis (2007), a morfologia também é um dos itens linguísticos passivos de transferência, mas, segundo Odlin (1989) apenas alguns casos foram reportados na literatura no que diz respeito à transferência morfológica. Ele ressalta os estudos de Fantini (1985), onde foi possível observar, por exemplo, a pluralização como “*too manys cars*” produzido por uma criança bilingue Espanhol – Inglês. Em espanhol, substantivos e adjetivos concordam em número e gênero, e, segundo De Angelis (2007), isto não acontece no inglês. Sendo assim, a pluralização da palavra inglesa “*manys*” como vimos no exemplo acima, pode ser tomada como evidência de transferência da pluralização de adjetivo do espanhol para o inglês.

Vimos até agora que alguns itens linguísticos possíveis de transferência, tais como palavras funcionais, fonética, fonologia e morfologia. É possível também dois outros itens de transferência, como por exemplo, de vocabulário (léxico) e sintaxe. Analisaremos agora, alguns estudos realizados em influência translinguística no que diz respeito à vocabulário. Segundo Falk e Bardel (2010), quanto à transferência de léxico na língua alvo, podemos observar, segundo os estudiosos, três diferentes tipos: *trocias puras de códigos* (tradução minha) que seria a inserção de palavras inteiras de uma língua para outra, *falso amigos* (tradução minha) que é quando aprendizes de L3 transferem erroneamente palavras aparentemente fonológica e ortograficamente semelhantes, mas com significados diferentes, e por último, *tentativa de formação de palavras* (tradução minha), onde palavras (material léxico) de uma língua como L1 ou L2 são adaptadas para L3. (Cenoz et al. 2003); Dewaele 1998; William e Hammarberg 209 [1998]. Analisaremos a seguir, na seção 3.3, além de vários outros estudos de casos, um estudo de caso específico feito por Dewaele (1998) sobre “*invenções lexicais*” (lexical inventions).

De acordo com Falk e Bardel (2010), os estudos sobre a sintaxe, como item linguístico de possível transferência, são relativamente novos. Segundo estes estudiosos, os primeiros estudos de caso realizados na década de noventa prepararam assim, o caminho para estudos conduzidos no início dos anos 2000. Um dos pioneiros nestes estudos, fora Vogel (1992), que realizou um estudo com chineses, aprendizes de alemão como L3, já possuindo inglês como L2. Neste estudo pioneiro, foi possível observar não só a transferência de itens lexicais bem como transferência sintática de L2 inglês para L3 alemão. Sendo assim, analisaremos com mais detalhes este estudo na próxima seção.

Segundo De Angelis (2007), pesquisas em aquisição de terceira língua ou línguas adicionais, no tocante à perspectiva generativa, não são tão comuns. Porém, um dos estudiosos a investigar este

39 No original: [...] phonetic resemblance seems to facilitate instances of transfer from native as well as non-native languages, and from distant as well as close languages.

assunto foi Zobl (1992), que testou se o conhecimento prévio de gramática por multilíngues. Uma das conclusões tiradas deste estudo foi que, conforme De Angelis (2007), aprendizes multilíngues tem a tendência de criar gramáticas menos conservadoras, mas mais poderosas do que monolíngues. Veremos na seção seguinte um pouco mais em detalhe este e outros estudos realizados para identificar a transferência translinguística no tocante à sintaxe.

Segundo Cenoz (2001),

O estudo da influência translinguística na aquisição da terceira língua é complexo, devido ao número de fatores potenciais que estão associados a ela e sua possível interação, e também porque a aquisição da terceira língua apresenta mais diversidade do que a aquisição da segunda língua.⁴⁰

3.3 - Análise de diversos estudos de caso.

Como pudemos observar nas seções anteriores, são vários os fatores que envolvem o fenômeno da influência translinguística. Analisaremos a seguir, um tipo de caso relativo à cada um dos fatores mencionados anteriormente e também exemplificaremos os itens linguísticos possíveis de transferência.

De acordo com De Angelis (2007), a “*distância entre línguas*” (language distance), é um dos fatores que pode alavancar a influência translinguística, como vimos na seção 3.2. Um dos estudos feitos sobre este fator, fora inicialmente realizado por Kellerman (1977, 1978, 1983), com 81 aprendizes holandeses de inglês como L2. Uma lista com 17 expressões idiomáticas contendo o verbo “*breken*” em holandês, poderia ser traduzido para o inglês como L2, o verbo “*to break*”. Kellerman observou, por exemplo, uma taxa de 100% de aceitação daqueles que perceberam o significado do verbo em questão, na expressão “*he broke his leg*” se comparado com aqueles 11% que aceitaram um significado mais distante do que o primeiro, na frase “*some workers have broken the strike*”. Kellerman conclui então, que este tipo de transferência fora influenciada por dois fatores: psicotipologia e prototipicidade.

Segundo Falk e Bardel (2010), psicotipologia, de acordo com Kellerman (1983), seria a percepção do aprendiz das similaridades entre línguas. Enquanto que prototipicidade seria a percepção de quão central, universal, uma estrutura ou um significado pode ser. Conforme Kellerman (1987, p. 65) “*quanto menos representativo do significado prototípico o uso de uma determinada forma é,*

40 No original: The study of cross-linguistic influence in third language acquisition is complex because of the number of potential factors that are associated with it and their possible interaction, and also because third language acquisition presents more diversity than second language acquisition.

*menor sua capacidade de transferência.” (tradução minha)*⁴¹ Kellerman observou que, toda vez que um aprendiz percebe a proximidade das línguas, (psicotopologia) alguns aspectos da L1 poderão influenciar na forma em L2.

Um outro estudo ainda sobre o fator distância da língua, foi realizado por Cenoz (2001), entre alunos espanhóis de escolas elementares e secundárias, aprendizes de inglês como L3, tendo como L1 e L2, espanhol e basco. Segundo Cenoz (2001), foi observado que a distância entre língua possui um papel importante na influência translinguística, pois durante seu estudo, a língua espanhola e o inglês sofreram maior influência na transferência, do que o basco, uma língua não-européia

Além das conclusões acima, de acordo com Cenoz (2001), foi possível perceber neste estudo, o conhecimento metalinguístico por parte dos aprendizes. Os mais velhos puderam notar as similaridades quanto à família das línguas, ou seja, a percepção da transferência do espanhol como língua base para o inglês e não do basco como língua base para o inglês. Enquanto que os aprendizes mais novos possuindo uma menor conscientização metalinguística, não tiveram como perceber a distância linguística, utilizando assim tanto o espanhol como o basco como termos de transferência. De acordo com Cenoz (2001), *“a conscientização de distância da língua na influência translinguística é confirmada pelo fato de que eles estrangeirizaram somente termos do espanhol, e não do basco.”*(tradução minha)⁴²

Segundo Cenoz (2001), outro ponto observado no estudo acima foi que, apesar de basco ser uma língua estrangeira e levando em consideração o fator L2 status (como já vimos anteriormente), a transferência se deu baseada no espanhol L1, por estar próximo tipologicamente da L3. Sendo assim, de acordo com Cenoz (2001), pode-se dizer que o estudo acima pode confirmar a complexidade da influência translinguística uma vez que foi possível relacionar o caso de estudo vários fatores que envolvem este fenômeno como vimos anteriormente, como distância linguística, L2 status, proficiência da língua, e o desenvolvimento metalinguístico. É importante ressaltar, que, segundo Cenoz (2001), os resultados apresentados foram de um grupo específico de aprendizes, de uma específica situação linguística e que não podemos generalizar sem levar em consideração estes fatores específicos deste grupo de participantes.

Como vimos anteriormente, são vários os fatores que podem alavancar a influência translinguística. Além da distância linguística como acabamos de observar no estudo acima, o fator L

41 No original: [...] the less representative of the prototypical meaning a usage of a given form is, the lower its transferability

42 No original: [...] students awareness of linguistic distance is confirmed by the fact that they foreignise only terms from Spanish , and not from Basque.

2 status, ou efeito língua estrangeira também já foi muito estudado. De acordo com Bardel e Falk (2012), algumas vezes a transferência é ocasionada pela língua nativa, L1 e em outros casos pela L2. Sendo assim, de acordo com Williams e Hammarberg (2001, p. 36-37), que define o fator L2 status como *“um desejo de suprimir L1 como sendo “não-estrangeira” e confiar na orientação de uma L 2 anterior como estratégia para se aproximar da L3” (tradução minha)*⁴³. Segundo Bardel e Falk (2012), é curioso notar por que esta necessidade de suprimir a língua nativa L1 e confiar em uma língua não nativa L2 em prol do uso de L3. Segundo Falk e Bardel (2010, 2011) este fator está relacionado com aspectos cognitivos similares entre L2 e L3 do que L1 e L3. De acordo com alguns estudos tais como de William e Hammarberg (2009 [1998]), mostraram que quando um indivíduo tem mais de uma língua não nativa à sua disposição, é natural suprimir a L1. Porém, é importante notar que a transferência de L2 para L3 é feita, em muitos casos, inconscientemente, enquanto que a transferência de L1 para L3 é intencional e consciente com o objetivo de, segundo William e Hammaberg (2009 [1998]), deixar de lado o efeito estrangeiro (L2 status) e usar L1 para poder se fazer entender uma vez que a mesma é a língua nativa do interlocutor. Por outro lado, a influência de L2 se dá inconscientemente e em momentos em que, na ausência de algumas palavras talvez por falta de proficiência em L3, outras construções em L2 são utilizadas.

Conforme Williams e Hammarberg (1998), para suprir algumas necessidades em termos lexicais, quando o repertório do aprendiz é limitado, o aprendiz pode fazer uma transferência intencional, e às vezes até automática, mesmo quando o tipo de ajuda é meramente pragmática

Em um estudo de caso, realizado por Williams e Hammarberg (1998), com aprendizes de sueco como L3, uma informante, Sarah Williams (SW) possuía inglês como L1 e alemão (com proficiência quase nativa) como L2. Além disto, outras línguas como o francês e italiano, faziam o repertório de segundas línguas não nativas desta informante que teve acesso à estas línguas durante seu período na universidade. Durante o experimento, foi observado, segundo Trévisiol (2006), que o alemão como L 2 forneceu a maioria das palavras funcionais, ou seja, preposições, artigos, conjunções. De acordo com Trévisiol, William e Hammarberg concluíram neste estudo, que a L1 e L2 tem um papel diferente no processo de produção de L 3. Conforme Trévisiol, estas línguas fonte são duas linguagens ativas, mas com L2, funções claramente dissociadas: instrumental para a L1, para material linguístico para L2. Essas distinções, que são aparentes na aquisição de uma L3, não estariam mais na aquisição de uma L2, já que a L1 teria os dois papéis.

43 No original: [...] a desire to suppress L1 as being "non-foreign" and to rely rather on an orientation towards a prior L2 as a strategy to approach the L3.

3.4 - A influência translinguística em aprendizes (japoneses) de francês como L3 que possuem o inglês como L2.

Nesta seção, analisaremos um estudo de caso feito por Trévisiol (2006), na Universidade de Hokkaido com 20 aprendizes universitários japoneses em diferentes estágios de aquisição de francês como L3 (iniciantes, intermediários e avançados). O foco do estudo foi baseado na influência translinguística de L2 inglês em L3 francês no tocante ao léxico. A tarefa dada para examinar este tipo de transferência fora um resumo de uma montagem do filme mudo “Tempos modernos” de Charles Chaplin. O objetivo da tarefa era focar na produção oral espontânea destes aprendizes ao recontar o filme. Um grupo viria a primeira parte do filme e o outro grupo a segunda parte e fariam um resumo do que entenderam do filme. Destes 20 aprendizes selecionados, apenas quatro possuíam um nível de inglês bom ou elevado, de acordo com Trévisiol (2006). Como estes aprendizes já tinham passado pelo processo de aprendizagem do inglês (L2), este, segundo Trévisiol, seria um facilitador no processo de aquisição do francês como L3. No aprendizado de uma terceira língua, como vimos anteriormente, o aprendiz pode não só acionar a L1 como também L2. Neste estudo de caso a L2 inglês e a língua alvo L3 francês são de origens românicas, (ou seja, duas línguas indo-européias) e compartilham características estruturais e lexicais. Segundo Dewaele (1998), o inglês é uma língua germânica no tocante à base estrutural, mas em termo lexical pode ser considerada como uma língua românica. Dentre estas duas línguas, existem também proximidades tipológicas no que diz respeito à ordem das palavras escritas e o léxico, que, segundo Trévisiol (2006), são assim percebidas pelo aprendiz.

Como vimos nas seções anteriores, são vários os fatores que influenciam a transferência, e línguas não nativas aprendidas anteriormente. De acordo com Trévisiol (2006), fatores como proficiência, recência, tipologia, L2 status e modo de linguagem, possuem um papel determinante adotados pelo locutor em situações de interação. Conforme Green (1986) e De Bot (1992, 2004), as diferentes línguas não nativas de um aprendiz multilíngue podem ser classificadas em três diferentes níveis: um nível de “*língua selecionada*” (*sélectionnée*) que controla o discurso, “*ativa*” (active) funciona igualmente à linguagem selecionada, porém não é ativa, ou “*adormecida*” (dormante)) que não está ativa durante o processo do discurso. Segundo Grosjean (2001, p. 1-22),

A escolha da linguagem está ao nível da conceituação, mas muitas línguas podem competir e serem ativadas em paralelo para a formulação, dependendo de outros fatores como proficiência nas línguas em questão, recência (emprego recente), tipologia, o L2 status, esquecer o "modo

de linguagem" (monolíngue, bi /plurilíngue) adotado pelo locutor em situação de interação.⁴⁴

Em um estudo de caso, realizado por Williams e Hammarberg (1998), com aprendizes de sueco como L3, uma informante, Sarah Williams possuía inglês como L1 e alemão (com proficiência quase nativa) como L2. Além disto, outras línguas como o francês e italiano, faziam o repertório de segundas línguas não nativas desta informante. Segundo De Angelis (2007), sempre que se tem várias línguas não nativas na mente, a associação cognitiva favorece o uso de uma língua não nativa do que uma língua nativa. Isto porque uma língua não nativa está atrelada ao fator estrangeiridade e, portanto o aprendiz tende à acioná-la ao invés da língua nativa. Podemos observar, que, de acordo com De Angelis (2007), no estudo de caso de SW mencionado acima, a aprendiz (Williams), afirmou que não queria soar como uma falante nativa em inglês e, por consequência, ela absteve-se de integrar elementos da língua L1 na língua alvo L3. Conforme De Angelis (2007), ela também optou por uma língua não nativa pois soava mais estrangeiro para ela e próximo ao sueco que era a língua alvo L3.

No estudo empírico com os aprendizes japoneses, segundo Trévisiol, fora observado uma tendência à tomar emprestado palavras do inglês como L2. De acordo com Trévisiol (2006), fora observado que a transferência para o inglês foi comum, porém variável, uma vez que a metodologia usada na coleta de dados fora que os aprendizes pudessem pedir ajuda ao entrevistador tanto em L1 como em L2. Sendo assim, eles acabaram não estando no modo monolíngue francês. De acordo com Trévisiol, (2006), fora observado também, que em alguns casos, houve empréstimos de L1, uma vez que algumas palavras inglesas são adaptadas para o japonês. Conforme Trévisiol (2006), a passagem pelas duas línguas se dá também ao nível sintático, na ordem das palavras, por exemplo, pois em alguns casos, segundo a autora, a mesma natureza sintática é refletida na estrutura inglesa bem como japonesa. Como podemos observar no quadro abaixo:

Tabela 3. Ordem das palavras em grupos nominais

Interlangue français L3	anglais	japonais	Français LC
<i>policeman voiture</i>	<i>police car</i>	<i>patokaa = patrol car</i>	<i>voiture de police</i>
<i>université matchi</i>	<i>university game</i>	<i>Daigaku ligu (université) (league)</i>	<i>match d'université</i>
<i>madame de fille</i>	<i>lady's girl</i>	<i>Obasan no musumesan (dame) GÉN* (fille)</i>	<i>fille de madame</i>

44 No original: La choix de la langue se fait au niveau de conceptualiser, mais plusieurs langues peuvent se faire concurrence et être activées parallèlement pour la formulation, en fonction de plusieurs facteurs tels que la compétence dans le langues concernées, l'actualité (emploi récent), la typologie, le statu en tant que L2, sans oublier le "mode langagier" (monolingue, bi/plurilingue) adopté par le locuteur en situation d'interaction.

*génitif

Podemos observar que, segundo Trévisiol, o inglês não está mais próximo do francês do que do japonês. A conexão fora feita à direita em francês e à esquerda em inglês e japonês. Quanto ao inglês L2, foi levado em conta a natureza das palavras (integral/funcional), afetadas pelo empréstimo.

Segundo Trévisiol (2006), nos resultados do estudo de caso acima mencionado, pode-se observar uma discordância, em parte, dos estudos feitos por Williams e Hammaberg com SW. Para Trévisiol, L 1 é a língua de preferência nas sequências metalinguísticas de regulação do discurso, mas por um outro lado, ela intervém na mesma proporção que L2 no que diz respeito à sequências como WIPP (Without Identified Pragmatic Purpose) FACIL (*des sequences de facilitation de la recherche lexicale*). Além disto, conforme Trévisiol, “o papel da L2 no acesso às palavras funcionais é mínimo: as duas linguagens são essencialmente confundidas na busca por palavras lexicais.”⁴⁵ De acordo com Trévisiol (2006), seu estudo pôde comprovar que a diferença do estudo de Williams e Hammaberg com SW e com o presente estudo é que os indivíduos não possuem o mesmo perfil linguístico se comparados com SW e diferem também no nível de proficiência se comparados com ao de SW, pois diferentemente de SW, os estudantes japoneses não eram bilíngues tardios pois tinham entre 7 e 10 anos de estudos de inglês.

Em seu estudo, Trévisiol (2006), pôde comparar alguns fatores importantes na influência translinguística pela análise dos resultados obtidos durante o estudo. Alguns aprendizes que tinham um nível mais fraco de inglês L 2, se apoiavam bastante em L 1. Sendo assim, ela pode concluir que existe uma relação importante a se levar em conta, quanto ao nível linguístico de L2 dos aprendizes, pois quanto maior a competência de L2 mais ele se servirá de seus conhecimentos de L3. Porém, segundo Trévisiol, sua experiência em L2 não é suficiente se ele não obtiver um conhecimento mínimo de L3 para poder usa-lo facilmente. Segundo Trévisiol (2006), conclui-se também que os aprendizes iniciantes se apoiavam em L1 para as palavras funcionais e em L2 para palavras lexicais, assim como os de nível intermediário usavam sua L 2 para empréstimo de palavras funcionais. Conforme Trévisiol (2006),

Essas mudanças de código se tornam cada vez mais fonológica e morfologicamente adaptadas à língua alvo à medida que progredem na apropriação do francês. A L1 pode, portanto, intervir nas palavras gramaticais no início do aprendizado. Quanto à L2, ela desempenha um papel particularmente importante para o léxico: os aprendizes de língua japonesa têm sido sensíveis à

45 No original: [...] le rôle de la L2 dans l'accès aux mots fonctionnels est minime : les deux langues sont confoquées essentiellement dans la recherche de mots lexicaux.

traços de semelhança formal entre o francês, o inglês e às vezes até o japonês, e aproveitam ao máximo o conhecimento de palavras relacionadas em L3. Todas as palavras adaptadas pertencem ao francês.⁴⁶

De acordo com Trévisiol (2006), é importante notar que a influência translinguística de L2 em L3 se dá, dependendo do nível linguístico de L2 e também de L3. Para ela, a ativação da L2 durante o processo de produção em L3 depende, igualmente, do modo linguístico utilizado pelos aprendizes em situações de interação e comunicação. Segundo a autora, L1 e L2 têm um peso relativo que depende da competência em L2 e L3 e exercem diferentes funções durante o aprendizado.

4- Considerações Finais

Neste estudo teórico, pudemos nos debruçar sobre alguns aspectos que envolvem a influência translinguística. Para tanto, foi necessário entendermos o conceito de bilinguismo e multilinguismo bem como o processo de aquisição de uma segunda língua. É importante notar que, diferentemente do processo de aprendizado de L1, a aquisição de L2 também se difere da aquisição de L3. O aprendiz de L3, tendo já uma segunda língua não nativa, já possui um conhecimento metalinguístico e dispõe também de estratégias de aprendizado que faz uso em seu processo de aquisição de L3.

A influência translinguística de L2 em L3 é um assunto relativamente novo, e a literatura a respeito ainda é limitada assim como, os estudos de caso. Deste modo, neste trabalho pudemos analisar alguns estudos empíricos realizados por pesquisadores que reafirmam a dificuldade em especificar exatamente a causa ou o fator responsável de transferências entre as línguas. Sabemos, portanto, que existem vários fatores, tais como a distância entre língua, recência, idade, o fator L2 status, a proficiência e o modo linguístico que influenciam a transferência na produção do aprendiz.

Durante a análise de alguns dos estudos deste trabalho, pudemos concluir que a *distância entre língua* é um fator muito relevante na influência translinguística pois o aprendiz consegue associar algumas palavras similares em L2 e L3. Vimos também a grande influência do fator *L2 status* em alguns casos que analisamos. O “efeito estrangeiro” está presente também na mente do aprendiz, quando ele se dá conta da estrangeiridade da língua L2 que se assemelha à L3. Sendo assim, será então

46 No original: Ces changements de code sont de plus en plus adaptés phonologiquement et morphologiquement à la LC à mesure qu'ils progressent dans leur appropriation du français. La L1 peut donc intervenir dans les mots grammaticaux au début de l'apprentissage. Quant à la L2, elle joue un rôle particulièrement important pour le lexique : les apprenants japonophones ont été sensibles à des traits de ressemblance formelle entre le français, l'anglais et parfois même le japonais, et exploitent au maximum leurs connaissances de mots apparentés en L3. Tous les mots adaptés appartiennent au français.

a L2 e não a L1 que será ativada. Um outro aspecto interessante também, é que quanto ao L2 status, às vezes este processo pode ser mais consciente, assim como vimos no estudo de caso de Williams e Hammarberg com a informante SW. Em algumas situações, ela fez uso do alemão, ao invés do inglês como L1 para se comunicar em sueco por não querer soar estrangeira.

A tipologia também pode ser considerada um fator importante na influência translinguística, pois o aprendiz de L3 pode perceber a semelhança e proximidade tipológica entre línguas românicas, por exemplo. Vimos que a língua inglesa e francesa possuem características tipológicas semelhantes o que leva muitas vezes o aprendiz a fazer uso de palavras próximas. Esta percepção da proximidade das línguas, se dá na mente do aprendiz, como pudemos observar segundo Kellerman que definiu este processo como psicotopologia.

O fator idade também pode ser considerado um fator que pode alavancar a influência translinguística como vimos nos estudos de Cenoz (2001) com alunos espanhóis e bascos. Pudemos observar que os alunos mais velhos por já terem uma melhor desenvoltura metalinguística e estratégias de aprendizado de L2, fizeram mais uso da L2 do que da L1 se comparados com os alunos mais novos que sofreram influência da língua nativa, L1.

Durante este estudo, foi possível observarmos também, que tipo de itens são possíveis de transferência. Vimos que *palavras de conteúdo*, tais como substantivos, numerais, adjetivos e advérbios e *palavras funcionais*, tais como preposições, conjunções, pronomes, sofrem influência translinguística. Além de itens lexicais como os que acabamos de descrever, a *fonologia e a fonética* também influenciam a transferência pelo fato de que o aprendiz carrega consigo a pronúncia de sua língua nativa quando faz uso da língua não nativa. O sotaque, por exemplo, é uma influência translinguística muito comum em aprendizes de línguas não nativas. Segundo De Angelis (2007), a semelhança fonética pode ocorrer não só entre línguas nativas bem como línguas não nativas. Outro fator importante que pudemos observar é o fator *morfológico*. O aprendiz não se dá conta que, em alguns casos, a gramática e a ordem das palavras difere da língua nativa, ocasionando assim conjugações de verbos e concordâncias errôneas bem como pluralização de palavras, como vimos no exemplo do estudo feito por Fantini (1985) onde uma criança de língua nativa espanhola tendo inglês como L2, produziu a sentença “*too manys cars*”, pluralizando palavras que não são pluralizadas em inglês. Outro fator possível de transferência é o vocabulário, mais especificamente o léxico, onde podemos observar a utilização pelos aprendizes, de *falsos amigos*, e também, segundo Dewaele (1998) onde foi possível observar invenções lexicais.

Esperamos com este estudo teórico, fornecer uma base e um entendimento sobre a influência translinguística e os diversos fatores que envolvem este fenômeno. Procuramos assim, esclarecer também a diferenciação de aprendizes de L2 e L3, e analisar alguns estudos já realizados sobre influência translinguística em aprendizes de L3 francês que tem o inglês como L2.

REFERÊNCIAS

- ANGELIS, Gessica de. **Third or additional language acquisition**. Toronto: Multilingual Matters Ltd, 2007. 161 p
- BARDEL, Camila; FALK, Ylva. **Third language acquisition in adulthood: The L2 status factor and the declarative/procedural distinction**. Amsterdam: John Benjamin Publishing Co., 2012. 311 p. Vol 46, p. 61-78
- BAUER, B L M; MOTA, Mailce Borges. **A linguagem, a cognição e o cérebro: Uma entrevista com Peter Hagoort**. Anpoll: Associação Nacional de Pós Graduação em Letras e Linguística, Florianópolis, v. 45, n. 1, p.291-296, 19 ago. 2018. Disponível em: <<http://doi.org/10.18309/anp.v1i45.1179>>. Acesso em: 29 nov. 2018.
- BATHIA, Tej K; RITCHIE, William. **Blackwell handbooks in linguistics. The handbook of bilingualism**. Estados Unidos da America: John Wiley Professio, 2006. 884 p.
- BATHIA, Tej. **Bilingualism and Multilingualism from a Socio-Psychological Perspective**. Jun 2017 Disponível em: <<http://oxfordre.com/linguistics/view/10.1093/acrefore/9780199384655.001.0001/acrefore-9780199384655-e-82?rskey=zesc4r&result=1>>. Acesso em: 22 set. 2018.
- BUTLER, Yuko. **The handbook of bilingualism and multilingualism: Bilingualism/multilingualism and second language acquisition**. 2. ed. p. 109-136 , Malden: Wiley Blackwell, 2013.
- CABRELI et al. **Third language acquisition in adulthood: The L2 status factor and the declarative procedural distinction**. Chicago: Publisher: John Benjamins, Editors: Jennifer Cabrelli Amaro, Suzanne Flynn, Jason Rothman,, 2012
- CENOZ, Jasone. **The effect of linguistic distance, L2 status and age on cross-linguistic influence in L3 acquisition: Cross-linguistic Influence in Third Language Acquisition**. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.
- CENOZ, Janose. **Facteurs déterminant l'aquisition d'une L3: Age développement cognitif et milieu**. 2003. Disponível em: <<http://aile/reveus.org/1151> (acesso em: 23 set. 2018).
- DEWAELE, Jean. (1998). **Lexical Inventions: French Interlangue as L2 versus L3** <https://www.researchgate.net/publication/31380447_Lexical_Inventions_French_Interlanguage_as_L2_versus_L3> (acesso em: 05 out. 2018)
- FALK, Ylva; BARDEL, Camila. The study of the role of background languages in third language acquisition. **IRAL**, Rockefeller, n. 48, p.185-219, 2010.

- FORSYTH, Helen. **The influence of L2 transfer on L3 English written production in a Bilingual German-Italian population: A study of syntactic errors** - Free University of Bozen-Bolzano – Italy 2014
<<https://www.scirp.org/journal/PaperInformation.aspx?PaperID=49277>> (acesso em: 10 set. 2018)
- GROSJEAN, François. **Bilingual: life and reality**. Cambridge, Ma: London: Harvard University Press, 2010.
- HAMMABERG, Bjorg. **Process in third language acquisition**. Edingburgh: Edingburgh University Press, 2009. 184 p.
- JESSNER, Ulrike. – **Teaching third languages: finding trends and challenges**. Innsbruck: University of Innsbruck, Austria 2008.
https://www.unil.ch/files/live/sites/magicc/files/shared/Ressources/Jessner_2008_Teaching_third_languages.pdf (acesso em: 15 set. 2018)
- TRÉVISIOL, Pascale. **Influence translinguistique et alternance codique en français L3 – Rôles de L1 et L2 dans la production oral d'apprenants japonais**. Édition électronique 2006
<<http://aile.revues.org/1625>> (acesso em: 25 de set. 2018)
- TOASSI, Pamela. **Cross-linguistic influences in the acquisition of English as a third language: an investigation** – Tese de mestrado – Repositório Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2012
- TOASSI, P.; MOTA, M. B. **Semantic priming effects and lexical access in English as L3**. *Gragoatá*, 23(46), 354-373. 2018 <<http://doi.org/10.22409/gragoata.2018n46a1133>> (acesso em: 29 de Nov 2018)

